



IZABEL CRISTINA MARTINS DA ROSA SCHNEIDER

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL 20 DE MAIO – MEMÓRIA E
IDENTIDADE**

CANOAS, 2020

IZABEL CRISTINA MARTINS DA ROSA SCHNEIDER

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL 20 DE MAIO – MEMÓRIA E
IDENTIDADE**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito para obtenção de título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

CANOAS, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S358e Schneider, Izabel Cristina Martins da Rosa.
Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio [manuscrito] :
memória e identidade / Izabel Cristina Martins da Rosa Schneider – 2020.
80 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) –
Universidade La Salle, Canoas, 2020.
“Orientação: Prof^a. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

1. Memória. 2. Identidade. 3. Espaços de memória. 4. Escola Estadual de
Ensino Fundamental 20 de Maio. 5. Fotolivro. I. Rosa, Lúcia Regina Lucas
da. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

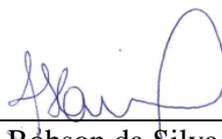
IZABEL CRISTINA MARTINS DA ROSA SCHNEIDER

Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Fabiana Quatrin Piccinin
Universidade de Santa Cruz do Sul



Prof. Dr. Robson da Silva Constante
Universidade La Salle



Prof. Dr. Wagner dos Santos Chagas
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidente da Banca –
Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 14 de dezembro de 2020.

Dedico este trabalho ao meu querido esposo Carlos, por me incentivar nos passos que trilhei, ao meu querido padrinho Éber, que me deu forças para continuar a caminhada e à professora Lúcia, que compartilhou seus saberes, com sua paciência me mostrou o caminho deixando-o mais suave.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico essa dissertação às pessoas que contribuíram de forma singular para que se concretizasse.

Pessoas que me fortaleceram e me veem como realmente sou, sensível e determinada a tudo que me proponho. Vejo que o apoio que recebi desse amor que tomou conta da minha existência, e me deixou caminhar ao seu lado, minha inspiração, é para você, meu querido esposo, Carlos, que declaro que isso só pode ter sido feito por ter acreditado e me apoiado a cada passo trilhado, tenho em ti meu porto seguro, onde posso caminhar por esses mares desconhecidos e retornar ao nosso “Cais”.

Muitos foram os caminhos que trilhei, em certos momentos um pouco duros, em outras lembranças que ficaram marcados como uma fotografia, guardadas em meu coração, e é por você, vó Joanita, (*In memoriam*), que continuo viva, minha adorável inspiração, eu sou quem sou por ter tido sua doçura em seus ensinamentos.

Ao meu pai Joel Hugo, (*In memoriam*), que mesmo em seu leito, dizia o quanto eu poderia superar todos os obstáculos que ainda iriam aparecer em meu caminho e alçar voos altos.

A minha mãe, por não questionar minhas atitudes e muitas vezes o meu afastamento, que tudo estava sendo realizado para um bem maior, a Educação.

Aos meus familiares e amigos de perto e de longe, que compreenderam o quanto tudo isso era importante para mim.

Em meu coração carrego uma pessoa ímpar e especial, Éber, por caminhar junto comigo e estar ao meu lado escrevendo suas páginas e me incentivando para que as minhas tivessem um olhar poético. Você me fez enxergar o mundo colorido e repleto de possibilidades.

E aos mestres que viram potencial em mim, desde muito pequena, a professora Tânia, que ficou marcada em minha memória e me mostrou o mundo das letras recheados de magia e afeto. Aos docentes da Universidade La Salle, que me acompanharam nesta caminhada acadêmica, em especial à professora Lúcia, que com seu olhar sensível, me compreendeu e apoiou, em todos os momentos que passei nesta trajetória, fazendo brotar em minha alma meu olhar sensível e poético.

E por fim, e não menos importante, a meu Pai Celestial, Deus, que me possibilitou ter meu sopro de vida, e que mesmo meu destino tenha sido traçado e determinado, muitos foram os sustos, confesso que senti minha vida por um fio, sendo fiada pelas “moiras”, mas vejo que minha “roda da fortuna”, ainda não tenha chegada ao fim, e que muitos outros desafios serei colocada à prova.

“Mais do que uma simples ‘imagem’ e mais do que simplesmente ‘arte’. Uma fotografia é uma memória congelada do tempo, das emoções e de tudo mais”.

Korske Ara

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio - EEEF 20 de Maio, localizada na cidade de Estrela/RS, compreendendo-a como ambiente e espaço de cultura e de memória. O foco desta pesquisa é o estudo sobre o pertencimento de um grupo de alunos, a partir da análise sobre memória e identidade na investigação se os alunos se sentem pertencentes ao contexto, como sujeitos conscientes valorizando a vivência na Escola. Assim, é importante considerar suas memórias vivenciadas e suas representações, percebendo que elas influenciam diretamente na construção do pertencimento e se permeiam na formação dos educandos. O problema norteador parte da seguinte indagação: Quais são as lembranças significativas suscitadas nos (ex) alunos da EEEF 20 de Maio através de sua relação com a instituição de ensino por meio de suas memórias? O trabalho tem como proposta estudar como se dá a construção de pertencimento dos alunos, enquanto sujeitos constituintes de um mesmo lugar. Serão consideradas, para análise, suas vivências relatadas sob a perspectiva das memórias, respeitando-as como processo de construção estabelecido pelo grupo e pela comunidade. Sendo assim, apresenta-se o seguinte objetivo geral: analisar as memórias de alunos da EEEF 20 de Maio como fator de identidade e de pertencimento; seguido dos seguintes e os objetivos específicos: a) compreender a importância das memórias dos alunos para dar significado à EEEF 20 de Maio; b) identificar as formas pelas quais os alunos reconhecem, elaboram e explicam as realidades vividas na Escola; c) intervir no cotidiano da Escola, proporcionando um espaço de escuta para os alunos; e d) elaborar um fotolivro sobre as vivências dos alunos na Escola como mostra do sentimento de pertencimento. A pesquisa, de caráter qualitativo, insere-se no campo de estudos em memória social e bens culturais, na linha de pesquisa Memória e linguagens culturais, e será conjugada através da articulação deste estudo de caso, entre investigação bibliográfica, documental e de campo, com procedimentos que envolveram as memórias sobre a Escola a partir da escrita de textos, de espaço de escuta, um grupo de alunos e ex-alunos da instituição. Para análise dos dados foi adotada a análise de conteúdo. O grupo de alunos foi selecionado, com base no tempo em que estudam na Escola, com quem se deu o processo de construção de textos sobre como se sentem dentro desse espaço. Os ex-alunos foram convidados

a participarem dando depoimentos de suas memórias, três responderam questionário estruturado e os outros dois foram entrevistados, via presencial e outro através do *Google Meet*®. Os dados foram analisados a partir de relatos escritos e diálogos realizados em sala à luz dos estudos de Joel Candau (2012), Aleida Assmann (2011) e Maurice Halbwachs (2006). Como produto final da pesquisa, foi construído um fotolivro com uma seleção de fotos significativas de momentos marcantes em atividades sobre a EEEF 20 de Maio, ao longo de sua história, com a construção de memórias.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Espaços de memória. Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio. Fotolivro.

ABSTRACT

The present work is a study about the State School of Elementary Education 20 de Maio - 20 de Maio School, located in the city of Estrela / RS, understanding it as an environment and space of culture and memory. The focus of this research is the study on the belonging of a group of students, from the analysis on memory and identity in the investigation if the students feel belonging to the context, as conscious subjects valuing the experience in the School. Thus, it is important to consider their experienced memories and their representations, realizing that they directly influence the construction of belonging and permeate themselves in the education of students. The guiding problem comes from the following question: What are the significant memories raised among the (ex) students of 20 de Maio School through their relationship with the educational institution through their memories? The work aims at studying how the construction of students' belonging takes place, as constituent subjects of the same place. Their experiences reported from the perspective of memories will be considered for analysis, respecting them as a construction process established by the group and the community. Therefore, the following general objective is presented: to analyze the memories of 20 de Maio School students as a factor of identity and belonging; followed by the specific objectives: a) understand the importance of students' memories to build the meaning to the 20 de Maio School; b) identify the ways in which students recognize, elaborate and explain the realities experienced at the School; c) intervene in the school's daily life, providing a listening space for students; and d) elaborate a photobook about the students' experiences at school as a sign of the feeling of belonging. The qualitative research is inserted in the field of studies in social memory and cultural goods, in the line of research Memory and cultural languages, and will be combined through the articulation of this case study, between bibliographic, documentary and field research, with procedures that involved memories about the school from the writing of texts, listening space, a group of students and alumni of the institution. Content analysis was adopted for data analysis. The group of students was selected, based on the time they studied at the School, with whom the process of building texts about how they feel within that space took place. Former students were invited to participate by giving testimonies of their memories, three answered a structured questionnaire and the other two were interviewed, in person and another through

Google Meet®. The data were analyzed from written reports and dialogues carried out in the classroom in the light of the studies of Joel Candau (2012), Aleida Assmann (2011) and Maurice Halbwachs (2006). As a final product of the research, a photobook was built with a selection of significant photos of remarkable moments in activities on the 20 de Maio School, throughout its history, with the construction of memories.

Keywords: Memory. Identity. Memory spaces. 20 de Maio School. Photobook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Placa de comemoração da ampliação	13
Figura 2 – Minha sala de aula na 1ª Série.....	14
Figura 3 – Mapa Político do Rio Grande do Sul com localização de Estrela.....	19
Figura 4 – Mapa da localização da EEEF 20 de Maio.....	20
Figura 5 – Imagem de satélite com a localização da EEEF 20 de Maio.....	21
Figura 6 – Fachada da EEEF 20 de Maio	22
Figura 7 – Linha de tempo.....	23
Figura 8 – Quadro de resposta do questionário com ex-alunos da Escola	55
Figura 9 – Tabulação de dados coletados nas produções escritas	60
Figura 10 – Capa do fotolivro	66
Figura 11 – Contracapa do fotolivro	66
Figura 12 – Página do Fotolivro: Corais	67
Figura 13 – Página do Fotolivro: Horta.....	68
Figura 14 – Página do Fotolivro: A despedida.....	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 EEEF 20 DE MAIO: COSTURANDO SUA HISTÓRIA	19
3 ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE ESPAÇOS DE CULTURA E DE MEMÓRIA	31
3.1 Identidade	35
3.2 Espaços de memória.....	38
4 ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL OU DA MEMÓRIA ORGANIZACIONAL	42
5 ENTRELACEMENTO DE MEMÓRIAS EM UM FOTOLIVRO	44
6 METODOLOGIA	45
7 FOTOLIVRO: MEMÓRIAS PARA RECORDAR	51
8 DEPOIMENTOS: SENTIMENTOS REFLETIDOS NO TEMPO	54
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	79
APÊNDICE B –ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	80

1 INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com a Educação foi dos 7 para 8 anos, iniciei os estudos no Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães, antigo Grupo Escolar São Nicolau, na cidade de Curitiba no Estado do Paraná, cuja placa de comemoração da ampliação (figura 1 que segue abaixo), persiste até hoje em seu lugar original.

Figura 1 – Placa de comemoração da ampliação



Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

Quando ingressei na 1ª série, para mim, um lugar assustador e gigantesco, sempre imaginava que ali existiam fantasmas, sentia medo de iniciar a estudar e não compreender tudo o que estava se passando em minha sala de aula. Na fotografia abaixo, me encontro em minha sala de aula, onde emergiram sentimentos de lembranças sobre meu primeiro contato com esse Colégio. Muitas foram as lágrimas que brotaram em meus olhos, uma verdadeira nostalgia de recordações,

mergulhando em meus pensamentos minha história, meu sentimento de realmente pertencer a esse lugar.

Figura 2 – Minha sala de aula na 1ª Série



Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

Minha primeira professora foi uma inspiração, sempre que a olhava da minha carteira, queria ser como ela. Percebia no ar um cheiro de lavanda sempre quando passava ao meu lado.

Ali, fui me desenvolvendo, mas como era uma criança muito insegura, tive muitas dificuldades em compreender como se fazia a mágica da leitura. Foi quando tive minha primeira frustração, a reprovação.

No ano seguinte, frequentei novamente a 1ª série, foi quando me dei conta de que tudo poderia ser mais fácil se me esforçasse mais para obter êxito na leitura. Passei a compor pequenas poesias livres inspirada em minha professora que sempre me incentivava a cada dia. Comecei a compreender a escrita e, então, tudo

se transformava em lousa e brincadeira de escolinha, sendo a minha preferida. Lembro-me como se fosse hoje, o meu lugar favorito em minha casa para escrever com o giz era a porta do banheiro, que quando a brincadeira terminava, eu passava um pano úmido e tudo estava como novo. Foi assim que comecei a ter gosto pelo Magistério e a sonhar em ser Professora. Frequentei neste Colégio boa parte da minha vida Escolar. Lembranças que fazem brotar de meus olhos, emoções em ter podido ter uma fonte de inspiração, tão cedo em minha vida, minha querida professora Tânia. Foi através do outro que me constituí como um sujeito autônomo, permeada de lembranças e recordações, iniciando a constituir a minha história e identidade, percebendo a individualidade e construção coletiva de memórias que adquiri ao longo do meu processo de aprendizagens no Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães, conhecido carinhosamente como CESMAG.

Estudei em mais duas Escolas, das quais minha memória já não recorda dos nomes. Sei que na última, lugar cheio de escadas, um verdadeiro labirinto, me transmitia um sentimento depressivo, sem luz ou cor. Cursei a 7ª série e, ao final do ano, em 1994, me mudei para o Rio Grande do Sul, onde concluí a 8ª série do 1º Grau na Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Torres, no Bairro Vila Nova, em Porto Alegre. Nesta Escola tive mestras que me incentivaram a fazer o processo seletivo, através de provas, para ingressar no Instituto de Educação General Flores da Cunha. Na época me debrucei nos estudos e passei em 7º lugar, para mim, ali foi o começo de tudo.

Minha trajetória profissional iniciou-se como estagiária no ano de 1997, lecionando em uma turma de Educação Infantil até, aproximadamente, o ano de 1999, em Porto Alegre.

Em agosto de 2000, concluí o Ensino Médio, na modalidade Normal, tendo certeza de que, ao longo dos anos, teria a oportunidade de alçar voos altos, em que poderia sim, propor uma prática pedagógica significativa para os alunos que viriam.

Meses depois, mudei-me para o Vale do Taquari, para o município de Arroio do Meio, à espera da tão sonhada nomeação no Estado, porém, não teria sido dessa vez. Então, fui buscar aprimorar meus conhecimentos, passei no vestibular na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e cursei Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais, tempo que me fez refletir sobre como proporia minha utopia de formar seres críticos capazes de mudar sua própria realidade.

O Colégio Sinodal Conventos, da Rede Sinodal de Educação, no Município de Lajeado, me contratou inicialmente como bibliotecária. Foi um contato significativo com diversas literaturas e gêneros textuais, então, realizei um trabalho junto a uma Escola de Educação Infantil na qual os alunos vinham ouvir histórias e ter contato com o mundo da Literatura Infantil. Também assumi uma turma de pré-Escola neste educandário.

No final do ano de 2004, recebi uma oportunidade para trabalhar interdisciplinarmente no Projeto Vida, do Município de Lajeado, no qual eram oportunizados no turno inverso oficinas pedagógicas de temas de casa e artesanato, reforço de aprendizagem, confecção de horta, práticas de esportes, música, dança, caminhada que me oportunizou aprofundar na expressão corporal com dança ancorada na literatura. Esta experiência, somada à minha trajetória acadêmica, despertou-me o interesse em desenvolver valores, como a autoestima e o controle dos impulsos. Para compreendê-las, desenvolvi projetos que oportunizaram a elas se conhecerem, construindo sua identidade e se colocando no mundo como seres capazes de refletir sobre suas atitudes. Esses projetos ganharam destaque na imprensa regional e estadual, senti que estava no caminho certo, estava orgulhosa de mim mesma.

Após a conclusão do Ensino Superior, continuei minha qualificação, sempre buscando a minha utopia de educação. No ano de 2009, em uma Escola Estadual no município de Estrela, me deparei com uma turma desafiadora, que na ocasião teve, de março a abril, seis docentes diferentes, eu fui a sétima. Um grupo de alunos de 4ª série, com características bem marcantes, com dificuldade na mostra de valores e de identidade. Na ocasião detectei que havia muitos casos de falta de limites e agressividade, o que me desafiou para aplicação de meus conhecimentos e estudos à época, sendo meu laboratório e meu case (SCHNEIDER, 2010) de pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, em Orientação Educacional, que estava cursando em nível de Pós-Graduação.

A minha proposta tinha como objetivo central a formação da identidade do ser humano, através da Literatura Infantil como instrumento construtor da autonomia e da autoestima. Dois alunos destacaram-se durante o processo e o resultado do trabalho passou a ser baseado no comportamento destes e na construção de limites, fundamentado na Literatura Infantil. Um dos alunos alcançou melhora significativa no relacionamento interpessoal e familiar, enquanto o outro

não progrediu devido às dificuldades enfrentadas na estrutura familiar, ou seja, por não ter uma estrutura emocional permeada por afeto e compreensão.

A partir desta perspectiva, a pesquisa deste trabalho será ancorada nas memórias dos que vivenciam suas histórias na EEEF 20 de Maio. A intenção é verificar se jovens desta instituição sentem-se pertencentes a essa comunidade com base em relatos orais e escritos de alunos que estudaram neste educandário, apontando como sentiam saudades desta Escola e como foi importante a eles essa passagem, em que relataram terem tido aprendizagem significativa. Isso pode demonstrar que esta instituição se estabeleceu como ponto de referência na formação pessoal e profissional de pessoas, como o Secretário Municipal de Educação de Estrela, e nossa Agente Educacional II - Administração Escolar. As relações sociais influenciam diretamente na identidade e formação dos seres humanos. (CANDAU, 2012).

Desta forma, ao participar de um grupo, podemos realizar a construção de pertencimento, buscando lugar e identidade, fazendo-se parte efetiva do espaço de cultura que ali permeia. Daí deriva meu problema norteador: Quais são as lembranças significativas suscitadas nos (ex)alunos da EEEF 20 de Maio através de sua relação com a instituição de ensino por meio de suas memórias?

Concordamos com a afirmação de que o senso de pertencimento, de ser integrante de um grupo, faz parte do reconhecimento do indivíduo de si mesmo como elemento determinante na construção de uma identidade coletiva (CANDAU, 2012). Na medida em que os seus anseios vão permeando o desenvolvimento da Escola, há uma sinergia enquanto coletividade.

O trabalho tem como proposta estudar como se dá a construção de identidade dos alunos, enquanto sujeitos constituintes de um mesmo lugar identitário de acordo com suas vivências, analisando sob a perspectiva das memórias construídas, respeitando-as como processo de construção social estabelecida pelo grupo e pela comunidade. Sendo assim, apresenta-se o seguinte objetivo geral: Analisar as memórias de alunos da EEEF 20 de Maio como fator de identidade e de pertencimento; e os objetivos específicos:

- a) compreender a importância das memórias dos alunos para dar significado à EEEF 20 de Maio.
- b) identificar as formas pelas quais os alunos reconhecem, elaboram e explicam as realidades vividas na Escola;

- c) articular estratégias que proporcionem espaço de escuta atenta para os alunos;
- d) dialogar com os alunos para a compreensão do papel da Escola em suas memórias.
- e) elaborar um fotolivro sobre as vivências dos alunos na Escola como mostra do sentimento de pertencimento.

Ao longo deste trabalho será apresentada brevemente a contextualização da Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio. Após será feita a análise das respostas à luz dos conceitos de Espaço de Cultura e de Memória, Memória Institucional e Memória Organizacional e por fim serão apresentadas as considerações finais.

Esta pesquisa não foi submetido à Comissão de Ética em Pesquisa da Unilasalle pelo fato de não realizar pesquisa de caráter invasivo, apenas solicitou-se autorização dos entrevistados por meio de consentimento livre e esclarecido e direito de imagem durante a gravação das próprias entrevistas. Já para a EEEF 20 de Maio foi solicitado autorização à direção para o uso do espaço com os alunos, uma vez que a Escola possui a referida autorização do uso de imagem dos estudantes. Salienta-se que foi mantido sigilo das informações pessoais durante a redação do trabalho.

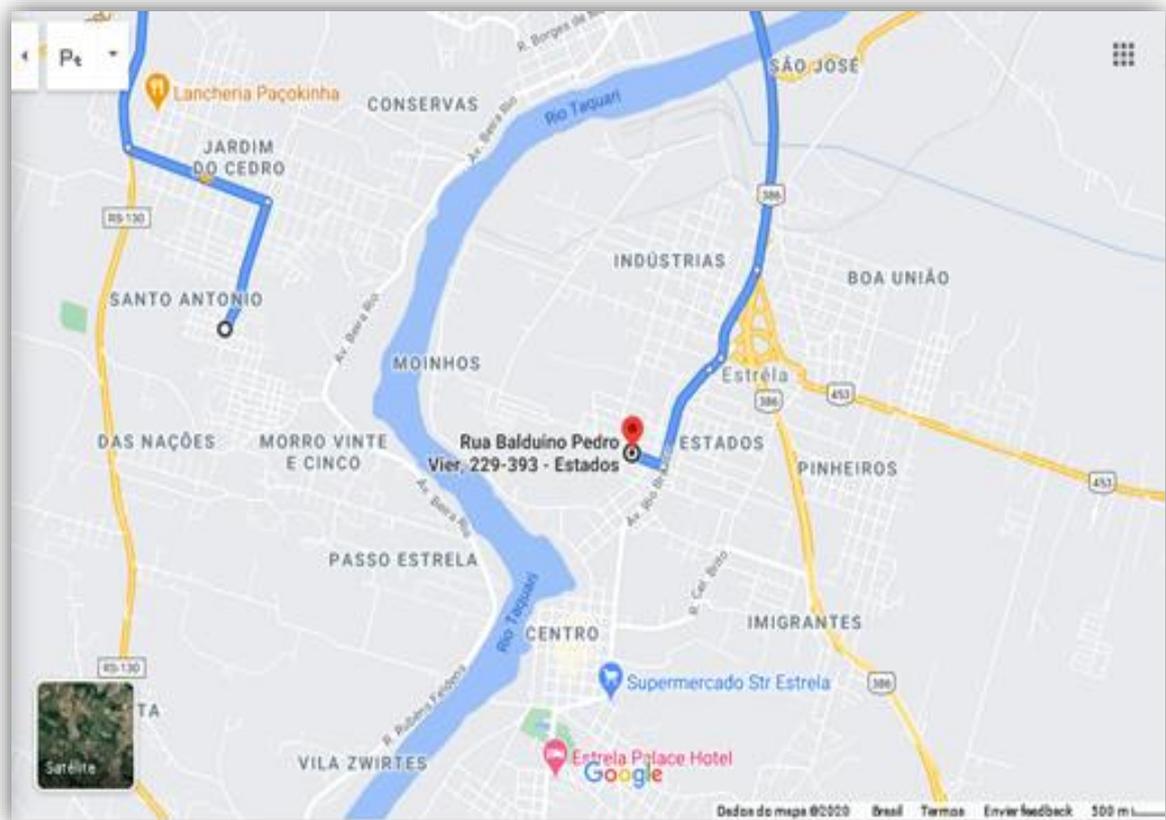
2 EEEF 20 DE MAIO: COSTURANDO SUA HISTÓRIA

A pesquisa foi realizada com um grupo de alunos e ex-alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio, no Município de Estrela, situada no Vale do Taquari, com uma população estimada de 33.820 habitantes e localizada a aproximadamente 108 km de distância da Capital Porto Alegre. A seguir, será descrito o histórico da Escola, o qual foi reconstituído a partir de fragmentos de memória, histórico e de história oral, que se encontravam dispersos em várias bases de consulta, tais como: acervos e manuscritos da Escola e/ou pessoais, livros e sites de notícias. Dessa forma, foi possível constatar que a memória organizacional necessita de dedicação de um profissional qualificado.

Figura 3 – Mapa Político do Rio Grande do Sul com localização de Estrela

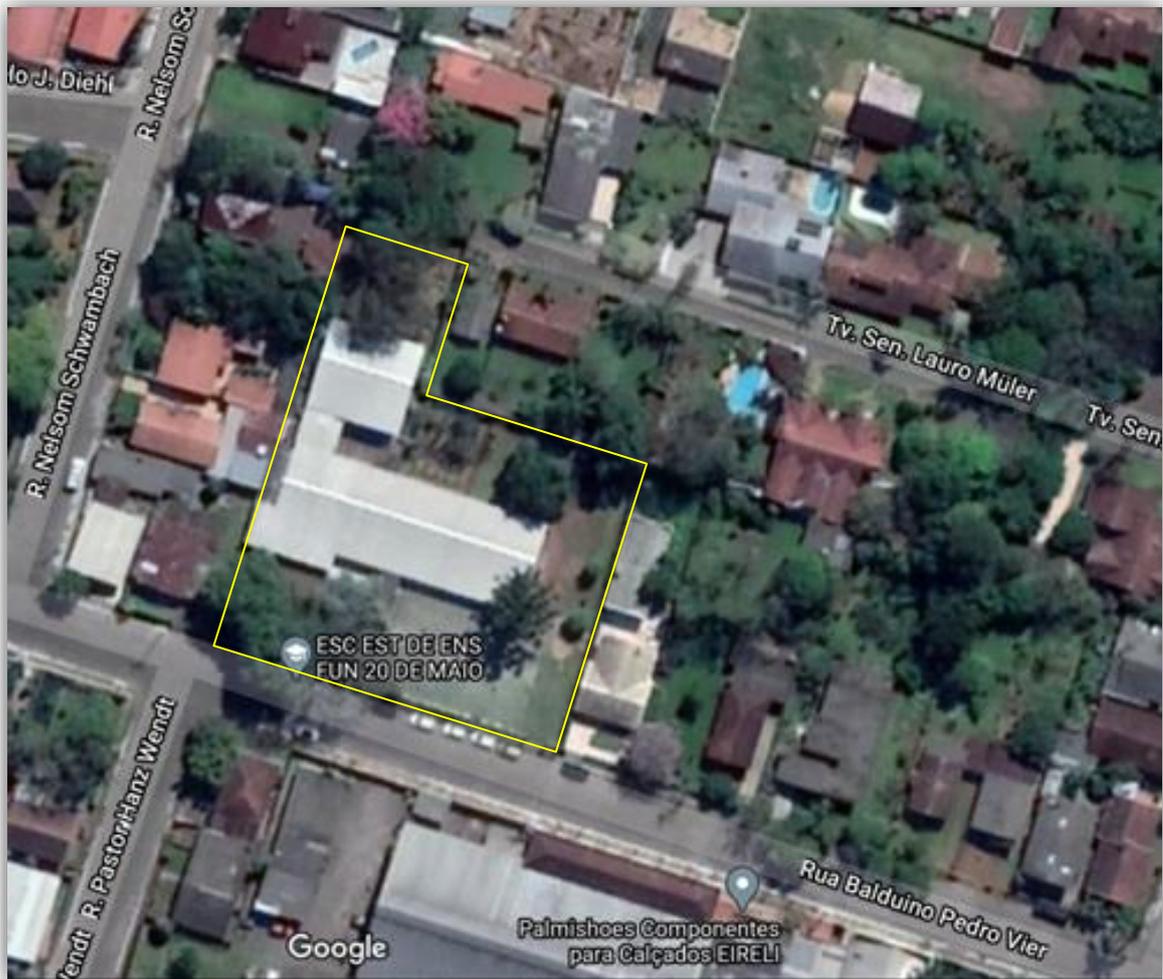


Figura 4 – Mapa da localização da EEEF 20 de Maio



Fonte: Google Maps (2020).

Figura 5 – Imagem de satélite com a localização da EEEF 20 de Maio



Fonte: Google Maps (2020).

Figura 6 – Fachada da EEEF 20 de Maio



Fonte: Acervo da EEEF 20 de Maio (2013).

É importante ressaltar que as informações do histórico da EEEF 20 de Maio, está documentado no seu respectivo Projeto Político Pedagógico e as informações deste foram reescritas com base em pesquisa realizada, no ano de 2015, pela autora deste trabalho. Esta pesquisa fazia parte de um trabalho coletivo de reconstituição da história da instituição durante a gestão da Diretora Marizabete Ozelame.

Isso demonstra como a memória e a história não são estáticas, pois, constatou-se que o histórico apresentado em 2015 representava apenas uma parcela, talvez significativa, de fragmentos da história que agora será (re)apresentada. A noção de tempo será um dos olhares a perpassarem a história da Escola, uma vez que

Hoje, a aplicação à história dos dados da filosofia, da ciência, da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta. (LE GOFF, 1990, p. 09)

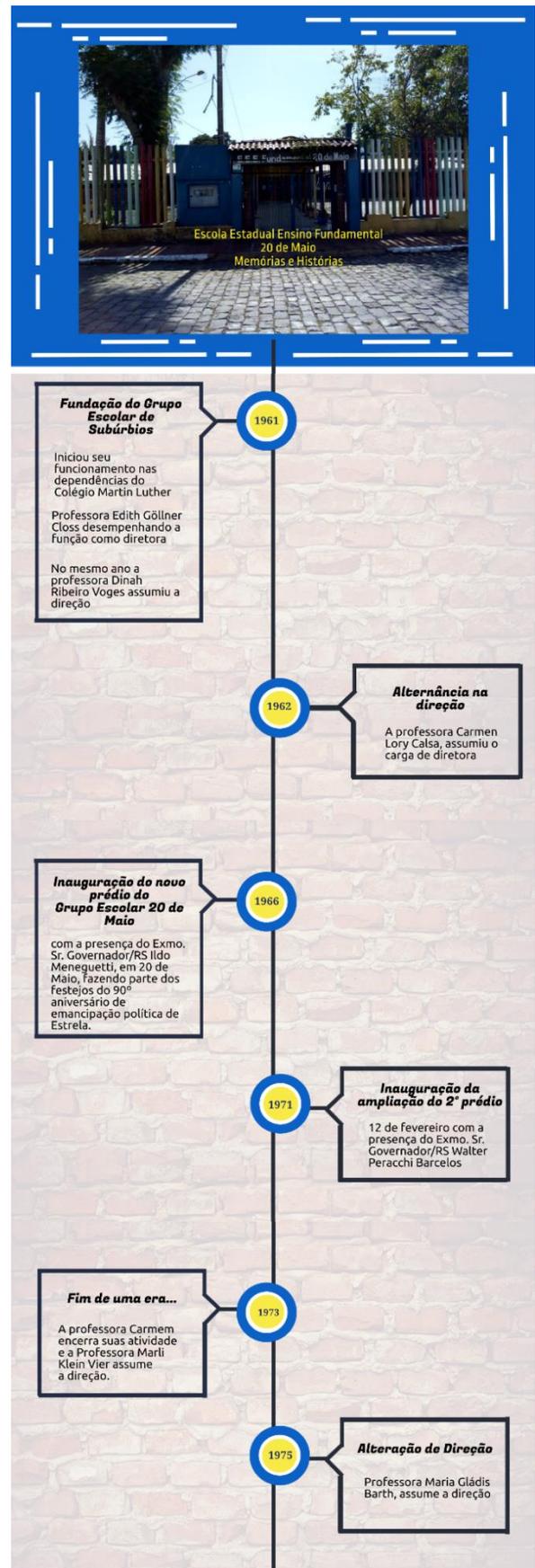
A história da Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio inicia no dia 01 de março de 1961. No início das atividades, com o nome de Grupo Escola de Subúrbios, funcionava nas dependências da Escola Evangélica Martin Luther, gentilmente cedidas pela Comunidade Evangélica de Estrela, localizada no Bairro Oriental. Neste período, a direção do educandário foi desempenhada pela Professora Edith Göllner Closs e, ainda nesse ano, a Professora Dinah Ribeiro Voges assumiu a direção sucedendo à primeira.

Sua criação ocorreu devido ao fato de o bairro possuir um grande número de crianças que não tinham condições de frequentar uma Escola particular e a única Escola pública existente estava localizada distante do local.

O grupo Escola de Subúrbios foi criado oficialmente pelo Decreto nº 13.961 de 11 de agosto de 1962, mantendo a Professora Dinah como Diretora. Nesse ano também ocorreu alternância na direção da Escola, desta vez, quem assumiu foi a Professora Carmen Lory Calsa que dirigiu a Escola até o ano de 1973.

A construção do prédio destinado ao Grupo Escola de Subúrbios teve início em 7 de dezembro de 1965 por intermédio da resolução nº 50/GG, em área de 3.046,74m² doada pela Prefeitura

Figura 7 – Linha de tempo

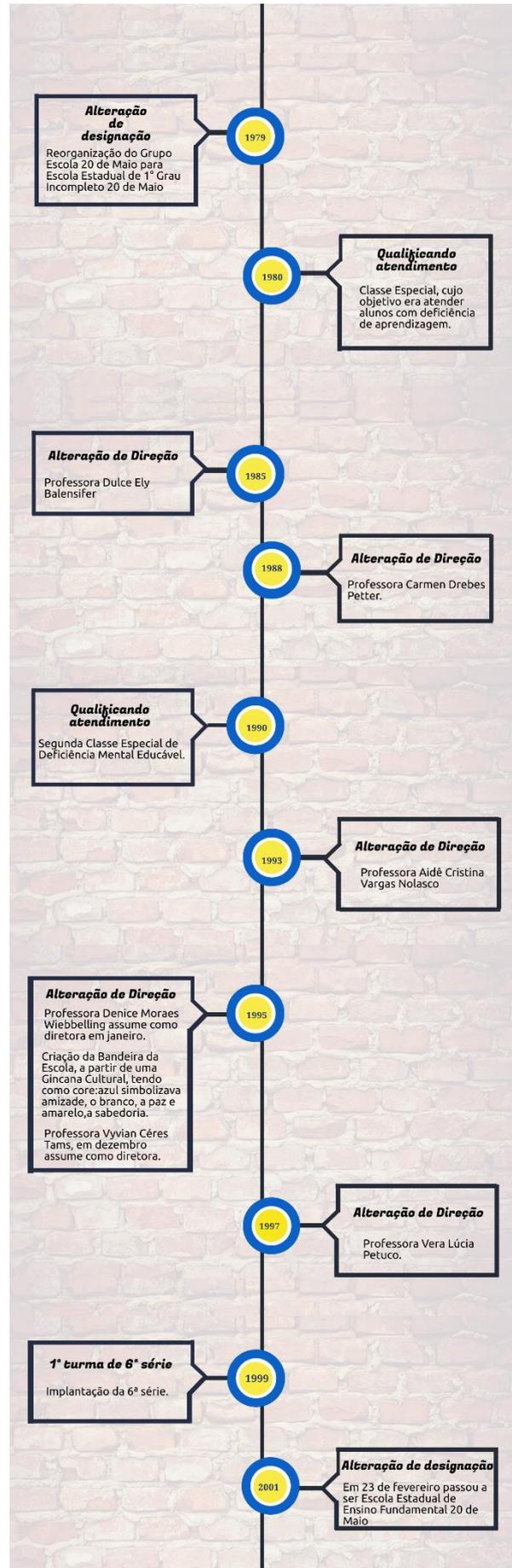


Municipal de Estrela ao Estado, através da lei nº 807, de 29 de abril de 1966, aprovada em 26 de abril de 1966 pela Câmara Municipal de Vereadores representada pelo Presidente Vereador José de Freitas Belo.

A solenidade de inauguração ocorreu em 20 de maio de 1966 pelo Exmo. Sr. Governador do Estado do RS Engenheiro Ildo Meneghetti, em evento que integrava os festejos de aniversário de Estrela. O Prefeito na ocasião era Adão Henrique Fett e o Vice-prefeito Aloysio Valentim Schwertner. Nesta data o Grupo Escolar Subúrbios passou a denominar-se, Grupo Escolar 20 de Maio pelo decreto nº 18.086 de 29 de setembro de 1966 em homenagem ao 90º aniversário de emancipação política de Estrela que ocorria exatamente nesta data.

A transferência do Grupo Escolar 20 de Maio para o novo prédio que contava com 5 salas de aula (onde funcionavam a Pré-Escola e 1ª a 5ª séries do Ensino Primário, de acordo com a lei 4.024/61), biblioteca, secretaria, sala de professores, sanitários e cozinha, deu-se no dia 13 de agosto de 1966.

Houve um crescimento significativo de alunos e observou-se a necessidade de ampliar a Escola em mais um bloco. Com recursos oriundos do Governo do Estado foi possível a ampliação. O recurso foi destinado para a construção de 2 salas de

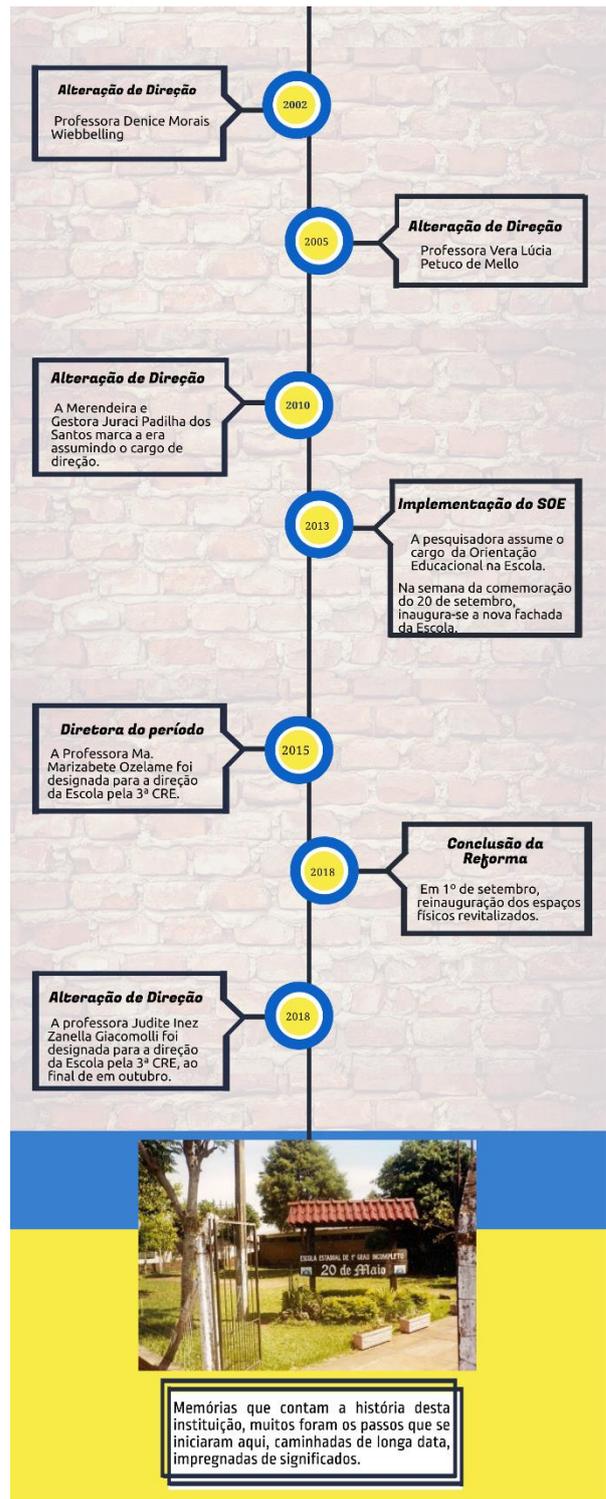


aula, 2 salas pequenas e um porão. Com o empenho da diretora professora Carmen Lory Calsa, a comunidade foi mobilizada para que o porão fosse construído em nível mais alto para que pudesse ser utilizado.

A construção da parte superior foi concluída em 10 de dezembro de 1970 e inaugurada em 12 de fevereiro de 1971 pelo Exmo. Sr. Governador Perachi Barcellos. A partir daí a direção e a comunidade mobilizaram-se para angariar os recursos financeiros e concluir a parte inferior do bloco. A construção foi realizada em 4 etapas, durante 2 anos.

Deste trabalho em colaboração entre Escola e Comunidade resultaram mais 2 salas com as mesmas dimensões da parte superior que foram utilizadas como refeitório e sala de Educação Artística, uma cozinha, uma despensa e mais uma peça que serviria para lavanderia e depósito. Em 1973 assumiu a direção a Professora Marli Klein Vier, sucedida, em 1975, pela Professora Maria Gládis Barth que ficou na direção até 1984.

Através do decreto nº 29.216 de 5 de fevereiro de 1979, o Grupo Escolar 20 de Maio ficou reorganizado e passou a chamar-se Escola Estadual de 1º Grau Incompleto 20 de Maio, com complementação dos estudos de 1º grau na Escola Estadual de 1º Grau Vidal de Negreiros.



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Pela Portaria nº 52.216 de 9 de dezembro de 1980, Resolução nº 130/77 e Parecer 658/77 do CEE e informação nº 4693/80 do Departamento de Educação Fundamental fica autorizada a primeira Classe Especial, cujo objetivo era atender alunos com deficiência de aprendizagem.

No ano de 1985 a direção passou a ser ocupada pela Professora Dulce Ely Balensifer, que ocupou o cargo até 1988, sendo sucedida pela Professora Carmen Drebes Petter.

O Parecer DPG nº 31/90 e baseado na Portaria e Parecer que autorizou a primeira Classe Especial, fica autorizado o funcionamento da segunda Classe Especial de Deficiência Mental Educável.

A Professora Aidê Cristina Vargas Nolasco assumiu a Escola em 1993 e em 1995 foi sucedida pela Professora Denice Moraes Wiebbelling, ano este que, por ocasião do 28º aniversário da Escola, foi promovida uma Gincana Cultural em comemoração, envolvendo todos os alunos da Escola e comunidade, na qual uma tarefa era criar a Bandeira da Escola. A equipe vencedora criou a bandeira usando três cores: um triângulo amarelo, um branco e azul, no centro foi colocado o logotipo da Escola. Posteriormente em outra Gincana Cultural os alunos teriam como tarefa dar o significado das cores, sendo que o azul simbolizava amizade, o branco a paz e amarelo a sabedoria.

Ao longo da história da EEEF 20 de Maio foi criado o Hino da Escola composto por Carmen Lory Calsa, com música de Dirce Agostini, que perpetua até hoje mesmo não tendo data precisa da respectiva composição.

Com a lei nº 10.576 de 14 de novembro de 1995, criou-se a Gestão Democrática do Ensino Público, que dá autonomia às Escolas, inclusive sendo eleito o Diretor de Escola pelo voto dos vários segmentos que compõem a Comunidade Escolar.

A partir da gestão Escolar, construído pela direção e por representantes eleitos pelos segmentos da comunidade, pais, professores, funcionários e alunos, amparados pela Lei nº 10.576 de 14 de novembro de 1995. Os Conselhos Escolares, resguardados os princípios constitucionais e normas legais têm função consultiva, deliberativa e fiscalizadora nas questões pedagógicas, administrativas e financeira, juntos com a Direção, administrando a Escola. Neste ano, assume a direção da Escola, a Professora Vyvian Céres Tams.

O ano de 1996 marcou profundamente a Educação no Brasil por motivo da promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), sendo caracterizada pela flexibilidade e inovação, atendendo aos desafios do mundo atual.

Em 1997 a 2001 a professora Vera Lúcia Petuco assume a direção da Escola. Em 1999 através do parecer nº 846/99 do CEED (Conselho Estadual de Educação), foi ampliada a oferta de Ensino Fundamental com a implantação da 6ª série que teve início no ano de 2000. Ainda no ano de 2000, a Escola participou da Constituinte Escolar que tinha como meta traçar os Princípios e Diretrizes para a Educação Pública Estadual.

Na medida em que se construíam os Princípios e Diretrizes, a Escola teve autonomia de construir seu Projeto Político Pedagógico, Plano de Estudos e Regimento Escolar, tendo participação efetiva da comunidade Escolar (professores, funcionários, alunos e pais). Para esta construção realizamos a pesquisa da realidade da comunidade, do meio em que vivem e problemas enfrentados, dessa forma surgiram os objetivos e metas que deram rumo à proposta pedagógica da Escola.

A proposta pedagógica está embasada na filosofia da EEEF 20 de Maio, “Preparar seres humanos, conscientes e transformadores”. Os Planos de Estudos foram elaborados em consonância com o PPP (Projeto Político Pedagógico) e Regimento Escolar, optou-se por desenvolver em cada trimestre um tema central com seus subtemas, tendo como parâmetro a vivência dos alunos e problemas relacionados à convivência social, ao meio ambiente e valorização da saúde.

Com a imposição da nova LDBEN, através da Portaria nº 00069, de 23 de fevereiro de 2002, a Escola tem sua designação alterada para Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio. Neste ano passou a ocupar a direção a Professora Denice Moraes Wiebbelling.

Durante os quarenta anos de funcionamento, muitas alterações foram realizadas, dentre elas, pode-se citar a reforma dos sanitários da Educação Infantil e refeitório, equipou-se a Educação Infantil com mobiliário adequado e jogos pedagógicos. Houve a reforma da praça com brinquedos para a Educação Infantil e a construção da quadra de esportes que serve para as aulas de Educação Física e recreio. Adquiriu-se mobiliário novo, copiadora de xerox, máquina de escrever elétrica e informatizou-se a secretaria. Nas salas da direção, secretaria e sala de

professores foram substituídos os assoalhos de madeira que estavam com cupim por piso de cimento. É importante salientar que esses reparos foram feitos com recursos do Repasse Trimestral do Governo do Estado e de promoções do Círculo de Pais e Mestres com a parceria da comunidade da Escola.

A Professora Vera Lúcia Petuco de Melo ficou na direção de 2005 a 2009.

Entre 2010 a 2015 a EEEF 20 de Maio teve como diretora Juraci Padilha dos Santos.

A gestão de Juraci constitui um marco na gestão democrática das Escolas gaúchas, pois, a legislação do Estado possibilita acesso aos cargos de direção de Escola a ocupantes de cargos de servidores não-docentes, ou seja, qualquer servidor ocupante de cargo efetivo, com licenciatura plena, pode candidatar-se aos cargos eletivos de Direção de Escola.

Durante este período houve a construção dos muros do prédio Escolar, bem como a nova entrada de energia elétrica que teve uma movimentada solenidade de inauguração com participação da Comunidade Escolar e de ilustres presenças. O evento ocorreu em setembro de 2013 e foi divulgado, no site da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul em 30 de setembro do corrente ano. Nesta ocasião houve pronunciamentos de pessoas que procuram fazer a diferença na nossa comunidade. Abaixo seguem trechos de notícia veiculada:

A comunidade da EEEF 20 de Maio prestigiou o ato de entrega de obra, construção de muro em painéis de concreto e nova entrada de energia, na Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio [...]. Em clima de Semana Farroupilha, mateada e muita dança, as crianças premiaram os convidados, no princípio da solenidade, com apresentações artísticas. A diretora Juraci Padilha dos Santos, argumentou que o educandário vem construindo sua história há 52 anos e que “a entrega oficial dos muros à comunidade Escolar é um marco importante. Estamos felizes por termos realizado mais esse sonho e aliviados porque agora nossos alunos têm maior segurança atendendo assim uma antiga reivindicação de nossa comunidade” [...]. Representando o corpo docente, funcionários e Conselho Escolar a professora Rejane Maria Kautzmann afirmou que a construção trouxe maior segurança para alunos, professores e funcionários e ao próprio prédio Escolar, pois os muros dificultam a entrada de estranhos e invasores. A proteção também dá tranquilidade às brincadeiras, principalmente nos jogos com bolas na quadra, pois evita que as mesmas caiam em locais inadequados, colocando os alunos em risco ao resgatá-las, além é claro, do embelezamento da Escola. Larissa Johann, mãe de aluna, [...]. Comentou que a obra está muito boa, “estava precisando”. Destacou também que a qualidade do colégio vem melhorando a cada dia. A opinião da mãe foi endossada pela aluna Bruna Bersch, vice-presidente do Grêmio Estudantil da Escola. “Ficou muito melhor, temos segurança, a Escola ficou mais bonita. Estou na oitava série, com certeza vou sentir saudades”, [...]. Presente ao ato inaugural, o presidente da Câmara Municipal de Vereadores, José Itamar Alves,

manifestou-se também como pai dizendo das lutas da comunidade para conseguir as reformas. “Ver a obra realizada é motivo de muita alegria”, destacou o vereador. Representando o prefeito municipal, o secretário de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, Marco Aurélio Wermann, elencou em seu pronunciamento as conquistas da semana para o município, afirmando “estamos encerrando a semana com chave de ouro, pois este evento marca a inauguração de uma obra voltada para o cuidado com as pessoas e crianças”. Marco Aurélio Wermann, que foi um dos lutadores pelas melhorias, destacou a importância de construírem-se parcerias entre município e estado, pois a grande beneficiada é a comunidade. Encerrando a solenidade manifestou-se a Coordenadora Regional de Educação, Marisa Bastos, apresentando um relato do quadro de obras da 3ª CRE. [...] Hoje entregamos uma obra digna de sua comunidade”, destacou[...].

No ano de 2013 teve início o atendimento do Serviço de Orientação Educacional, tendo como responsável a Professora Pedagoga e Orientadora Educacional Izabel Cristina Martins da Rosa Schneider.

Em agosto de 2015 assumiu a direção da Escola a Professora Ma. Marizabete Ozelame, que apresentou um novo enfoque no relacionamento com a comunidade Escolar.

No início de 2016 a Escola passou por uma revitalização com a pintura dos muros, o embelezamento dos espaços da Escola, aproximando a comunidade Escolar, que a torna mais consciente da preservação do meio ambiente em que vivemos.

O Projeto Político Pedagógico também passa por reformulação e reconstrução da prática e da proposta pedagógica, com o envolvimento de toda a comunidade Escolar. Foi realizada pesquisa da realidade na qual a Escola está inserida com o intuito de verificar diagnóstico da realidade local e, dessa forma, traçar os objetivos e metas para embasar a proposta pedagógica da Escola norteando o anseio de Escola que a comunidade deseja e suas necessidades.

Em 2018 a Escola passou por uma reforma geral, foram revitalizadas as estruturas físicas dos prédios que necessitavam de reparos. No dia 1º de setembro houve a Reinauguração da Escola com a presença de pessoas ilustres do Município, comunidade Escolar, professores, funcionários e equipe diretiva.

No ano 2019 houve a alteração de direção, ocupando a função ao final do mês de outubro a professora Judite Inês Zanella Giacomolli. Naquele ano havia aproximadamente 180 matrículas.

E no ano de 2020 contamos com 164 alunos com idade que variam entre 6 e 17 anos, que são atendidas por 5 professoras de 1º a 5º ano no turno da tarde e

pela manhã temos 8 professoras que desenvolvem seu trabalho por áreas de conhecimento com os alunos de 6º a 9º ano. A Escola ainda oferta 1 turma de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com 1 professora da área, serviço de secretaria Escolar que conta com 2 Agentes Educacionais II Administração Escolar, serviço de alimentação Escolar com 1 Agente Educacional I - Alimentação Escolar e 3 Agentes Educacionais I - Manutenção e Infraestrutura. A Equipe Diretiva é composta pela Diretora de Escola, a Vice-diretora/Supervisora Escolar e pela Orientadora Educacional, cujo cargo é ocupado por mim.

3 ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE ESPAÇOS DE CULTURA E DE MEMÓRIA

As relações vividas na EEEF 20 de Maio são importantes situações que podem influenciar na memória, compreendendo o ambiente como um espaço de cultura e de memória. Assim, é importante, também, identificar suas relações sociais e verificar se elas compreendem, inclusive, as memórias vivenciadas e suas representações, percebendo se elas influenciam diretamente na construção da identidade e se irão permear a formação psicossocial dos educandos. Partindo dessa possibilidade, constatou-se a necessidade de (re)constituir as memórias acerca da formação da Escola, enquanto Instituição Educacional.

Segundo Souza (2013), levantar dados relevantes para que a Escola se conheça é importante para identificar as tendências culturais do interior e do entorno, estes dados irão nortear o regimento Escolar, o projeto político e pedagógico e o plano global de modo a influenciar positivamente nos processos de tomada de decisões referentes à Instituição. É interessante, também, que durante a coleta e tabulação destes dados será possível identificar diferentes demandas, tanto explícitas quanto implícitas, tanto da Escola quanto da comunidade Escolar, que irão determinar trabalhos futuros para atendê-las.

Analisando a Escola como um espaço de memória, então, podemos dizer que os dados a serem coletados vêm das memórias coletivas de quem participa ou participou da “vida” da EEEF 20 de Maio, essas memórias são marcadas pelas lembranças. Tais lembranças são influenciadas por pessoas que já realizaram ou vivenciaram suas experiências, sendo assim, memórias compartilhadas para constituir uma memória coletiva dando sentido ao grupo ao qual se faz parte. (HALBWACHS, 2006). E é a partir do estudo do grupo que se pretende compreender melhor uma parte da história da EEEF 20 de Maio, como um espaço de memória evidenciando identidades ali criadas e mantidas.

A memória possui um papel importante na construção da identidade deste grupo social no qual também estou inserida. Para que possamos nos sentir pertencentes a este grupo, se faz importante, “[...] a conservação dessa memória dentro de uma comunidade passa pela valorização dos elementos que a identificam dentro e fora dela. [...]” (COLOMBO, 2017, p. 178), nos tornando seres importantes e únicos.

Tomando a Escola como um espaço de memória, não posso deixar de relacionar as construções individuais, lembrando Halbwachs (2006) que nos diz que toda memória individual é coletiva, pois precisamos recorrer ao outro para preencher as lacunas, os lapsos de memória. Assim sendo, a Escola é um lugar de múltiplas memórias individuais, e se constitui um lugar de memória com identidade única a partir da memória coletiva de todos que por ali passaram.

Neste espaço as pessoas revivem, ressignificam suas experiências, dessa forma, a memória assume um papel importante com a narrativa daqueles que evocam em suas memórias suas vivências, falando do que está impresso na Escola. Narrar é uma forma de organizar o pensamento, sistematizando, organizando dando outros sentidos à mesma experiência vivenciada. A narrativa aciona a memória sendo um constitutivo da própria subjetividade das pessoas, de forma que, os relatos vão apresentando uma visão nostálgica. De acordo com Gusmão; e Souza (2010, p. 293) “O homem que emerge nas narrativas vem banhado de sentimentos de gratidão e reconhecimento pelo ato de generosidade e preocupação com a comunidade.”

A narrativa e a memória são indissociáveis, ao tecer suas lembranças, o sujeito vai reconstituindo sua história, dando significado a outras narrativas vividas que estão armazenadas na memória coletiva daqueles que conviveram neste espaço e participaram de sua história.

Por ser a Escola um lugar de memória coletiva, ou seja, de multiplicidade de identidades individuais que vêm ali congregar suas identidades únicas formando um grande grupo social com características específicas, há também uma multiplicidade de cultura. Portanto, a Escola é também um espaço de cultura, porque todos os que ali chegam trazem suas histórias pessoais, carregadas de significados únicos, advindos de lugares e realidades diversas, transformando aquele espaço em um ambiente vívido, democrático e de diversidade, transformando o contexto local em uma cultura de interculturalidades.

Cultura é algo complexo, e em constante evolução. Ela é tudo o que o homem produz e faz. O jeito como nos portamos enquanto seres sociais, depende da cultura que nós, indivíduos de uma sociedade, construímos. Depende das ferramentas que criamos para construir a sociedade em que vivemos. E quando algo não é mais satisfatório, mudamos alguma coisa com o intuito de desarraigar aquele arcabouço

de comportamentos e especificidades que nos prendem ao status quo para evoluirmos cada vez mais.

Segundo a Carta do México:

[...] cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Concorde também que a cultura dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos, e eticamente comprometidos. Através dela discernimos os valores e efetuamos opções. Através dela o homem se expressa, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projeto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, procura incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem. (UNESCO, 1982, p. 02).

Por isso não podemos dizer que a cultura sofre mutações, porque não podemos alterá-la ou substituí-la. Nós podemos sim, nos utilizarmos de uma cultura e construir novos rituais, novas crenças, novas formas de pensar e agir sobre aquela cultura na qual já estamos inseridos.

Se analisarmos pela perspectiva de algum grupo dominante que deseja subjugar o grupo dominado pela imposição de dogmas e simplesmente abandonar sua história, vai haver um choque cultural que provavelmente não irá gerar resultados. A História nos mostra isto: os portugueses não conseguiram catequizar os índios durante muito tempo, houve uma hibridização de culturas, o mesmo aconteceu com os negros trazidos da África, e até hoje as raízes destes grupos ecoam em nossa atualidade.

E assim, recorreremos novamente à Carta do México (UNESCO, 1982, p. 02)., para reafirmar que “Cada cultura representa um conjunto de valores único e insubstituível já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo.”

A partir daí, seguimos com a ideia de que, segundo Cassirer (2012, p. 107), “[...] O homem não deve ser estudado em sua vida individual, mas em sua vida política e social. [...]”. Justamente porque cultura é uma construção coletiva, de um grupo, não existe cultura individual. Existem modos de pensar e agir individuais, mas que são determinados pela cultura na qual nos inserimos. E podemos ter culturas diferentes de acordo com as várias identidades às quais pertencemos, ou seja, em cada grupo social em que estivermos inseridos, iremos condicionar nossas

ações de forma a não criarmos contraste, ou antagonismo, com os demais integrantes do respectivo grupo.

É possível que o conceito de cultura, cunhado pela UNESCO, em 1982, tenha bases no pensamento de Cassirer (2012, p. 108), que em sua obra “Ensaio sobre o homem”, publicado em 1944, quando ele afirma que as formas de organização social

“[...] estão contidas na linguagem, no mito, na religião e na arte. [...]”, todas as características culturais, e ainda acrescenta apresentando a característica gregária do homem ao destacar, com base em Comte, que “[...] a humanidade não será explicada pelo homem, e sim o homem pela humanidade. [...]”. (CASSIRER, 2012, p. 109), pois não há como conhecer-se a si próprio se não conhecermos a história que precede o eu atual, e a nossa história é montada com base em nossas características culturais.

Também é importante destacar que, embora pareça paradoxal, a cultura é uma construção do homem, mas também o constitui enquanto integrante de um grupo no qual está inserido. Cassirer (2012), com base em seus estudos filosóficos, afirma que tudo o que nos constitui enquanto seres sociais, como a fala, o mito, a arte e a religião são as construções que fazemos para explicar aquilo que nos vincula uns aos outros, ou seja, podemos dizer que cultura é a explicação que elaboramos para definir nossa identidade nos diferentes grupos sociais em que ocupamos espaço.

Desta forma, devemos ter atenção a aspectos e fatos que, quando divergentes da cultura que utilizamos como paradigma de referência não sejam tratados como algo instintivo, inato, algo que aconteceu por motivos biológicos alheios à realidade em que acontecem. Toda cultura é carregada de ideologias, e por isso influenciam tanto na identidade de um grupo. Assim sendo, algo que acontece aparentemente sem influências externas, pode estar ligado à identidade preexistente do indivíduo, e não pode ser tratada como mero acaso.

É preciso lembrar que o ser social inicia sua constituição a partir de suas especificidades biológicas e, mesmo o comportamento e a personalidade sendo constituídas com base na cultura do grupo, estas características possuem uma carga de simbolismos, imaginação e sentimentos para que se constituam enquanto conceitos. Então, ao construirmos nossos conceitos culturais, estamos falando de

um símbolo, que com nossa imaginação e sentimento criamos uma explicação, talvez um mito, mas é a explicação básica da construção social humana.

Assim, ao falarmos da identidade da EEEF 20 de Maio, estaremos falando de um espaço de cultura carregado de símbolos e sentimentos, e o sentimento de pertencimento é a base para que este local se constitua enquanto referência para a comunidade Escolar e faça parte da constituição pessoal e coletiva de todos aqueles ligados à Escola e seja um marco importante, uma referência na identidade cultural daqueles que por ali transitaram, transitam e transitarão.

3.1 Identidade

O processo de construção de identidade faz parte de um grupo, são escolhas que se realizam durante a caminhada que traçamos durante a vida, que define qual o grupo a integrar e sua referência. Dessa forma, acessar memórias vivenciadas na EEEF 20 de Maio, e para que haja conexão entre essas memórias e sua a identidade, se constata a necessidade de uma viagem nas lembranças das gerações que participaram e participam dessas construções, que constituem a história da Escola.

É possível relacionar a memória ao que é perpassado por gerações, portanto, o indivíduo vai vivenciando a partir do que experiencia ao longo de sua vida. A sociedade e o indivíduo são um único organismo, a construção da identidade coletiva tem uma representação coletiva e o processo da construção da memória está sempre em constante (des)acomodação.

Podemos compreender, portanto, que indivíduos se relacionam com diferentes quadros sociais da memória durante suas vidas, na medida em que vão para Escolas, [...], ou mesmo quando permanecem com suas famílias. Podemos compreender estes quadros em contínuo movimento e reestruturação. [...]. (SANTOS, 1998, p.07).

Ao ativar a escuta atenta dentro da Escola, nota-se que os alunos, em seus discursos, não demonstram perceber que fazem parte de um grupo e, muitas vezes, “medem forças” dizendo que a culpa é por um determinado conflito ou a culpa é do outro, e assim o fazem, como se não compreendessem que fazem parte desse grupo. As construções sociais são representadas pelas visões de mundo que são

expostas ao longo das vivências em sociedade, a partir das experiências em grupo se compreende como ocorrem as relações sociais.

[...] os quadros sociais da memória não são simples formas vazias, nas quais as recordações, vindas de fora, se inserem, mas os quadros são, ao contrário, os instrumentos dos quais a memória coletiva se serve para recompor uma imagem do passado que em cada época está em acordo com os pensamentos dominantes da sociedade. (BACHELARD apud TEDESCO, 2014, p. 103).

O desafio da convivência é manter a união e trabalhar junto buscando os mesmos propósitos. No decorrer dos diálogos, conversas, discursos, falas e narrativas que vão se constituindo, as interações sociais constroem sentimentos de pertença ao grupo, ocasionando a manutenção de novos quadros sociais de memória que vão constituir a identidade daqueles que comungam da mesma experiência.

Dentro do grupo, os alunos vão se incorporando, criando identidade nas relações com os seus pares, que não necessariamente é a mesma identidade que o constitui em suas famílias.

Dubar (apud FARIA; SOUZA, 2011, p. 37), destaca que “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. Dessa forma, pode-se compreender que a identidade se constrói pelas relações e situações que as envolvem. Os vínculos que vão se formando ou se constituindo, formam diferentes ideias que vão se entrelaçando, compondo valores e sentidos opostos ou possuindo o mesmo propósito.

Dessa forma, as memórias que compõem a EEEF 20 de Maio, hoje, são uma relação do tempo vivido com o espaço habitado (TEDESCO, 2014), e os indivíduos que por ali transitam podem ou não compreender este local como um lugar de constituição de sua história pessoal, ou seja, o sentimento de pertencimento nem sempre se consolida. Percebe-se, no entanto, que “Os lugares e os espaços marcam e recebem as marcas dos que chegam e dos que saem [...]”. (TEDESCO, 2014, p. 284). Então, devido à grande rotatividade dos alunos que vêm e vão durante o ano, tornam sua passagem pela EEEF 20 de Maio, memória volátil, já que os alunos são “obrigados” a estarem ali, e assim, têm dificuldade em criar o vínculo com esse espaço por não assimilarem a relevância daquele momento na sua história de vida.

Surgem, então, diferentes tribos que vão se constituindo por faixa etária. Ali os indivíduos se encontram para estarem juntos, buscando seu próprio lugar, em vínculo com seus pares, ou “o estar-junto ‘à toa’”. (MAFFESOLI, 2014, p. 143). “[...] a permanência do grupo, que é algo mais do que uma ‘reunião de indivíduos’. [...]” (MAFFESOLI, 2014, p. 144), é uma “[...] Comunidade de ideias, preocupações impessoais, estabilidade da estrutura que supera as particularidades dos indivíduos [...], que se fundamenta, antes de tudo, no sentimento partilhado.” (MAFFESOLI, 2014, p. 144).

Essa comunidade que se apresenta na instituição em estudo, na qual observa-se a formação de movimentação orgânica à procura do fortalecimento coletivo “o sentimento que se tem de si mesmo”, (MAFFESOLI, 2014, p. 144) em busca da existência fazendo parte do todo, se consolidando no tempo.

O entrecruzamento do sentimento e a formação de laços para a formação do grupo social em sua essência, desde suas características mais elementares até as mais complexas, compartilhando seus sentimentos, fortalecendo-se atribuindo isso ao pertencimento deste grupo, em busca da compreensão integral, com a visão “holística”, a inclusão do que se é, para o que somos enquanto comunidade. É evidente que assim as relações sociais se afetam, mas também, são afetadas pelas mudanças e de como recebem ou compartilham as ideias, implicando diretamente na sociedade em formação.

[...] a interação, particularmente visíveis nos grupos, tendem a privilegiar o todo, o aspecto arquitetônico e a complementaridade que dele resulta. É isso que permite falar de uma alma coletiva, de uma matriz fundamental que engloba e anima o conjunto da vida cotidiana. (MAFFESOLI, 2014, p. 146).

Assim, percebendo as nuances de um relacionamento que agem em vidas sociais que comungam do mesmo espaço. O grupo, a tribo, se constrói em uma imagem comum do cotidiano. Desta forma, as pessoas não vão aprendendo a viver em sociedade, elas vão convivendo juntas dos seus, dentro de um contexto pré-estabelecido, orgânico e dinâmico que se (re)constrói com a própria evolução do grupo. (MAFFESOLI, 2014).

Então, mesmo que pensemos em algo individual, próprio de uma pessoa em específico, este aspecto já estará inerentemente ligado ao grupo de alguma forma. O querer estar inserido em algum tipo de tribo, onde se reúne pessoas tendo o

sentimento do bem comum gerará o sentimento de pertença. Vendo as relações como se estabelecem no cotidiano entre os pares que se observa dentro da Escola, muitos se reconhecem em diferentes ambientes.

E é por isso mesmo, que este dinamismo é paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que une, ele demonstra a instabilidade do grupo, pois, cada um dos seus integrantes pode evoluir para outra tribo. Maffesoli (2014) defende que o sentimento, a afetividade que pode nos unir enquanto iguais, pode também nos impelir a grupos que nos demonstrem maior afinidade. Assim, ele desmitifica as sociedades de massa, traduzindo-a em um conjunto de tribos que se constituem por afinidade e por um espaço geográfico, mas este último, não necessariamente é determinante. Na EEEF 20 de Maio, são agrupadas naquela tribo, crianças e jovens de diferentes espaços geográficos, diferentes tribos familiares ou de vizinhança, de diferentes raízes etnográficas, mas, que pela afinidade do local de Escolarização, constituem uma nova tribo da qual, alguns podem evoluir para outra Escola, para outra turma, enfim, já que esta última também pode ser entendida como uma tribo.

Os espaços que se ocupa para congregar possui um significado que nutre a socialização, na busca de se sentir pertencente no ato, “[...] sentido do aqui-e-agora demonstra toda a potência da comunicação social.” Gioseffi, 1997. v. 4.n. 1.

Cada grupo social tem sua própria organização e dessa forma se compreende, seguindo normas intrínsecas na sua constituição, fazendo com que o cotidiano aparentemente borbulhante e confuso, em sua movimentação o corpo social age mutando-se em um ciclo dinâmico. Assim, se aproximam estabelecendo interesses em comum, no seu modo de falar, vestir e de se relacionar.

Enfim, ao analisar a identidade da EEEF 20 de Maio, através dessa proposta, estarei entrelaçada com os conceitos de memória e identidade, com base nos estudos de Assmann (2011), memória(s), de acordo com os pressupostos de Halbwachs (2006), e identidade, seguindo a proposta de Candau (2012).

3.2 Espaços de memória

O que se recorda e como se recorda está constantemente se reconstruindo com a influência do outro, ou seja, sobre a ótica singular em que o indivíduo acessa as lembranças e memórias. Fazendo-nos refletir sobre o que já temos, não podemos deixar de pensar que fazemos parte de um contexto e precisamos do outro

para acessarmos as lembranças, sejam negativas ou positivas. Nessa perspectiva, não há uma memória inteira de uma única pessoa, e sim, a reconstrução de estruturas sociais que se permeiam com a cultura, ritual e impressões do grupo em que se está inserido.

Todo o contexto em que o indivíduo está inserido contribui para a construção das lembranças e memórias de um determinado momento que se quer remontar. Essas lembranças são baseadas em reconstruções, ressignificando fatos, situações, eventos, se localizando em um determinado tempo. E isso tem sido vivenciado na EEEF 20 de Maio, na qual se montou um estigma como se fosse uma “cola”, “aqui sempre foi assim”, pessoas se maltratando violentamente como se já fizesse parte daquele lugar, marcado em sua memória. E para este estigma que vem perpassando por décadas seria importante recordar o passado sobre a importância que o diálogo tinha nos primeiros tempos de existência da Escola, reconquistando um ambiente em que os conflitos são tratados, compreendidos e superados.

A memória habitada, ou memória funcional, tem suas características mais marcantes com base nos valores que estão vinculados a um determinado grupo social (ASSMANN, 2011). Assim, valores também são atribuídos aos grupos sociais a partir da percepção do outro, visto que a memória é uma construção coletiva e a lembrança da memória está diretamente ligada à como e por quem ela é contada.

Então, as histórias de vida “habitadas” pelos indivíduos da EEEF 20 de Maio “[...] agregam lembranças e experiências e as situam em uma estrutura que define sua vida como sua autoimagem formativa, além de conferir-lhe orientação para agir. [...]” (ASSMANN, 2011, p. 148). Ou seja, a autoimagem que os alunos da EEEF 20 de Maio possuem, orientam para suas ações, então, se a autoimagem for positiva, e isso pode estar baseado nas memórias daqueles que ali já passaram, os alunos atuais tendem a reforçar o estigma positivo, agindo em valores benéficos e significativos para eles mesmos.

Esse entendimento nos vem da leitura de Halbwachs (apud ASSMANN, 2011, p. 148-149), “[...] Cada personalidade e cada fato histórico, no momento de sua entrada na memória, vai ser transposto para um ensinamento, um conceito, um símbolo. Contém um significado e se torna, assim, um elemento no sistema de ideias da sociedade. [...]”. Então, as memórias vão se apoiando umas nas outras e durante este processo de assimilação que deriva de seleção, associação e

constituição de sentido, os fragmentos de memórias vão constituindo uma nova memória linear e coerente transformando-se na memória recorrente do grupo em questão, servindo de base para a construção de identidade e gerando a história daquele grupo. (ASSMANN, 2011).

Assim sendo, as modificações que vêm ocorrendo ao longo do tempo impulsionam na busca de fragmentos de memórias do passado para a coesão do presente, de forma coletiva a partir de tudo o que ocorre na Escola. Na visão de Halbwachs (2006), as memórias individuais são consolidadas coletivamente, arraigadas nas lembranças de um grupo que ali vivenciou e deu sentido preenchendo essa memória ali construída.

E com isso, pode-se buscar junto aos ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários essa memória do passado, mostrando-lhes essa outra realidade que ali existia, buscando através das gentilezas primeiramente esse ambiente transformador.

[...]. Quando encontramos um amigo do qual a vida nos separou temos alguma dificuldade, primeiramente, em retomar contato com ele. Mas logo, quando evocamos juntos diversas circunstâncias, de que cada um de nós se lembra, e que não são mais as mesmas, ainda que elas se relacionem aos mesmos eventos; não conseguimos nos pôr a pensar e a lembrar em comum, e os fatos passados não têm mais o mesmo relevo, não acreditamos revivê-los com mais intensidade, porque não estamos mais sós para representá-los, como os vemos agora. [...]. (HALBWACHS, 2006, p. 25s).

Portanto, nessa perspectiva, a construção dessa identidade faz parte de um reviver coletivo das diversas memórias daqueles que compõem a história da EEEF 20 de Maio. Diante disso, ao consolidar a identidade, faz-se necessário, primeiramente, o repensar/ressignificar dos fragmentos de memória a partir do ponto de vista do lugar que ocupamos neste grupo social.

Com base em Candau (2012, p. 09), “Tal como a noção de cultura, os conceitos de memória e identidade são fundamentais para qualquer um que tenha algum interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais. ”. Fragmentos que se pensa que estão esquecidos ao longo dos tempos podem ser recuperados, assim como um psicanalista ou um antropólogo vasculham fragmentos na memória, ou busca-se significados a peças fragmentadas, remontando e reconstruindo o significado para o que se está esquecido ou adormecido. Através dos registros escritos podemos imprimir os significados da história que se produz ao longo dos

tempos, daqueles que estão presentes no momento dessa construção de significados presentes em um lugar, permanecendo intacto por séculos, perpassando gerações, sendo suporte à memória. (ASSMANN, 2011). Para a autora, a recordação depende de elementos que possam fortalecer aspectos na manutenção da memória. Esses elementos podem ser trazidos de fora para dentro, como uma foto que rememora um momento ou podem partir do próprio sujeito, a partir de insights da própria memória, nos compelindo a lembrar.

As imagens, porém, têm extrema importância na recuperação do passado. Historiadores as utilizam como testemunhos do inconsciente cultural. Por sua grande força de expressão, as imagens podem servir ainda como auxiliares na recordação: este conceito é chamado de *imagines agente*. (ASSMANN, 2011, p. 06)

Então, ao remontar as memórias da EEEF 20 de Maio, estaremos reconstituindo sua identidade. Devido à grande emigração local, houve o acréscimo de novas memórias que, agora desordenadas, acabam por criar um novo jeito de organização de forma descontínua e atemporal na constituição da identidade local. Desta forma, para reconhecer a identidade de pertencimento dos alunos, é necessário, primeiramente, compreender como suas memórias enredam a questão da pertença.

4 ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL OU DA MEMÓRIA ORGANIZACIONAL

Percebe-se que na atualidade a sistematização da memória institucional se faz importante para a organização de informações estratégicas para os gestores que gerenciam Escolas ou empresas, dessa forma, realizam planejamentos que auxiliam no andamento e no processo decisório da organização, ou seja, “capacidade de estruturar a experiência num patrimônio utilizável para si e comunicável aos outros” (TEDESCO apud MARCHI; BORGES, 2017, p. 123), retendo e perpetuando as memórias.

E para que haja a organização e preservação do conhecimento, faz-se necessário buscar a colaboração e memória das pessoas para sistematizar as informações para que seja de acesso a todos, pois, conforme Marchi; Borges (2017, p. 124), “[...] o compartilhamento e registro das informações são cruciais para o desenvolvimento e sustentabilidade das organizações [...]”.

Como pode ser observado ao longo do trabalho, há uma escassa documentação/organização da memória organizacional da EEEF 20 de Maio, e o que foi encontrado, foi mantido através de fragmentos de memórias coletivas dispersas em diversos documentos e registros fotográficos pertencentes a pessoas, organizações e na própria Escola, de forma não sistematizada. Como um dos objetivos da gestão Escolar em 2015 era organizar os documentos da Escola, senti a necessidade de consolidar o conteúdo do histórico desta, mostrando a importância do registro, além de preencher as lacunas existentes no documento após a captação de dados e informações nas diversas fontes, incluindo as memórias institucionais, criando um documento de referência. Assim, desde aquele ano, o registro histórico da Escola é atualizado anualmente se constituindo em uma importante fonte de pesquisa e registro da memória da Escola tanto enquanto instituição como enquanto organização.

Para Marchi e Borges (2017, p. 4-5),

[...] pode-se entender memória organizacional como o ato de evocação da recordação social produzida através do compartilhamento das lembranças dos indivíduos que, em algum momento, fizeram ou fazem parte da organização e, desse modo, contribuíram para a construção dos acontecimentos vividos.

E assim, como a história se encontrava adormecida em papéis amarelados e na memória das pessoas que por ali passaram, nossos discentes pareciam, também, buscar seu lugar, o sentido de pertencimento. Eles procuravam dar sentido em estar ali, a sua identidade, necessitavam criar vínculos, construir relações com a Escola. Aos poucos, foram proporcionadas vivências e algumas práticas pedagógicas diferenciadas, nas quais houve momentos que estimularam a construção e a formação do senso de pertencimento, de um vínculo capaz de unir os alunos à Escola de forma prazerosa e significativa. Contudo, percebeu-se que essas práticas pedagógicas não estavam fazendo sentido, provavelmente pelo fato da Escola não ter oportunizado a participação da construção das ideias do projeto, pois estes foram elaborados no grupo de professores e passado como tarefa aos alunos.

Acrescenta-se o fato de os alunos não terem participado ativamente dos processos de aquisição de dados e informações para a elaboração e, portanto, não contribuindo com as propostas sugeridas pelos docentes. Não podemos esquecer que “[...] o poder atravessa a organização, de alto a baixo, e também em toda a linha de distribuição horizontal das funções. [...]”. (ANDRADE, 2003, p. 5).

As relações sociais influenciam diretamente na identidade dos seres humanos, por isso, os jovens que frequentam a Escola necessitam se sentir pertencentes, fazendo parte dessa comunidade, auxiliando em melhorias e intensificando ações para o grupo, assim como foi vivenciado por ex-alunos da EEEF 20 de Maio.

Torna-se essencial para a construção desse sentido de pertencimento, que essa organização parta do compartilhamento das necessidades e dos anseios dos envolvidos, despertando o senso de pertencimento a partir do entendimento que a construção coletiva também é a representação do eu.

5 ENTRELAÇAMENTO DE MEMÓRIAS EM UM FOTOLIVRO

A construção de memória e de sentidos da história da EEEF 20 de Maio será eternizada na produção de um fotolivro a partir de imagens reunidas e selecionadas para tal fim.

Para a concretização do fotolivro, é necessário o entendimento de alguns conceitos essenciais para atingir os objetivos propostos. Então, a partir disso, serão apresentados os conceitos que fazem o entrelaçamento entre o cotidiano e o estudo a que este trabalho se propõe.

A questão da identidade, como se constitui e no que está baseada para sua existência e quais são as possibilidades de aspectos relativos a ela são constituintes de um determinado grupo social. A ideia de identidade parte da memória coletiva, e essa memória parte da construção social inerente aos grupos sociais nos quais estamos inseridos. Esses grupos dependem de espaços que estabelecem recordações e criam um conjunto de lembranças que constitui a história de cada um e de todos nós.

Os dados serão analisados a partir de relatos escritos e diálogos realizados em sala à luz dos estudos de autores Joel Candau (2012), Aleida Assmann (2011) e Maurice Halbwachs (2006). Nessa concepção, envolvem-se as memórias da Escola que colaboram com a construção de identidade dos alunos.

Por fim, apresenta-se o fotolivro como sendo o produto final de todo este trabalho, demanda também do entendimento de como é planejado, de como será produzido e ao final como será editado. Como há todo um vocabulário próprio para este tipo de artefato, faz-se necessário, também, descrever minuciosamente o processo de sua elaboração.

6 METODOLOGIA

O estudo baseou-se em pesquisa de cunho qualitativo, pois refere-se a um “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (GODOY, 1995, p. 62).

A coleta de dados foi realizada a partir de observações do cotidiano de uma Escola da rede pública estadual do RS, a qual “[...] é aplicar atentamente os sentidos a um objeto, para dele adquirir um conhecimento [...] é através dele que se inicia todo estudo dos problemas [...]”. (BARROS e LEHFELD apud QUERINO et al., 2017, p. 89). Ela será “[...] utilizada para entender determinados fenômenos, conhecer pessoas em outros contextos etc. Por exemplo: o professor observa seus alunos em uma festa ou durante o recreio etc. (QUERINO et al., [2017], p. 89).

A pesquisa se enquadra em um estudo de caso, pois se compreende a necessidade de uma interpretação mais profunda dos fatos que foram estudados. Esse método caracteriza-se por ser “[...] um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidências.” (GIL, 2016, p. 58), ou seja, “[...] pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.” (GIL, 2016, p. 57-58).

Com base em Triviños (1987), o estudo de caso dialoga com a teoria, havendo a complementação das ciências humanas e sociais. As circunstâncias que foram observadas na EEEF 20 de Maio, são fatos que demonstram a própria relação entre os sujeitos e destes para com a instituição.

Também, seguiram-se técnicas de revisão bibliográfica, ou seja, recorreu-se a leitura de autores que já escreveram sobre o tema abordado nesta pesquisa, com o intuito de ratificar a ideia original.

Dentro da metodologia organizou-se de forma cronológica as etapas que se seguiriam. Para a realização de coleta de dados sobre os sentimentos dos alunos com relação à instituição, foi lançada, ao final de 2019, a proposta de escrita de textos acerca do aprofundamento teórico na resposta de um de meus problemas de pesquisa, seguindo uma sequência didática.

O intuito da sequência didática utilizada com um grupo de alunos da EEEF 20 de Maio para a construção do texto literário, o qual serviu de base de análise para esta pesquisa, foi detalhada em tópicos de como ocorreu a abordagem do assunto, com atividades e recursos específicos.

A sequência didática é um recurso utilizado com etapas de passos interligados, tornando eficaz o processo de explicação para obter o objetivo pré-determinado. Dessa forma, esse objetivo tem como finalidade proporcionar aos alunos um passo a passo, de forma gradual, criando ligações e fazendo sentido na compreensão do processo da aprendizagem que se deseja obter na produção textual. Ela é uma forma de organização do trabalho pedagógico que permite antecipar o que será focado em um espaço de tempo que é variável em função do que os alunos precisam aprender, da mediação e do constante monitoramento que o professor faz para acompanhar os alunos, por meio de atividades de avaliação durante e ao final da sequência didática. (PESSOA, 2019).

Por ser uma metodologia muito utilizada pelos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tornou-se um recurso para arrecadar relatos dos alunos em forma de texto, que por sua vez, formam um substrato de intervenções na análise dos dados.

Tal proposta me motivou a selecionar duas turmas, a do 6º Ano e do 7º Ano, pois nestas se concentravam o maior número de aluno que iniciaram sua trajetória estudantil na EEEF 20 de Maio, possibilitando assim, uma perspectiva a partir da visão de alunos que já possuem uma trajetória significativa dentro da instituição e por consequência, possuem grau intrínseco de vivência no ambiente usado nesta pesquisa.

A partir da decisão de quais turmas seriam foco do trabalho, a sequência didática foi inserida na proposta pedagógica de duas professoras, com a devida autorização da direção da Escola e concordância das professoras, de forma que este espaço fosse disponibilizado para a pesquisa.

Vale destacar que os componentes selecionados foram de Língua Portuguesa e de História, a escolha deste, deu-se devido às características inerentes às suas habilidades e competências a serem desenvolvidas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, o estudo da História é:

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambas expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico. (BRASIL, 2018, p. 395).

Já o estudo da Língua Portuguesa compreende:

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 2018, p. 65).

Nestas aulas se deu a explicação da pesquisa e seu sentido, que se faria um estudo a partir da ideia de memória e identidade. Dessa forma, os alunos foram sensibilizados e estimulados a elaborar e redigirem um texto sobre o sentimento em relação a suas vivências na Escola. Foi de espontânea vontade a entrega para a participação na pesquisa, e destes, 20 alunos se disponibilizaram e entregaram seus textos para compor a análise e conclusão do estudo. Em sala, no primeiro encontro, eu apresentei o tema em uma roda de conversa, explorando as ideias dos alunos sobre as percepções que eles possuem sobre o sentimento de pertença na Escola.

A sequência didática foi realizada da seguinte maneira:

- a) A partir do campo de atuação, visto que na BNCC, abarcamos diferentes gêneros textuais, dessa forma, isso vai ao encontro das habilidades previstas E em uma revisão, no segundo encontro, a professora propôs o estudo da narrativa e de poesia com versos livres.

- b) No terceiro encontro, iniciou-se o processo da escrita do texto, com meu auxílio e das professoras de Língua Portuguesa e de História.
- c) Durante o processo da produção textual foram feitas fotos dos alunos;
- d) O passo seguinte foi a correção dos textos com auxílio dos professores e equipe diretiva.
- e) A primeira etapa das análises dos dados foi a identificação de características nos textos que pudessem ser utilizadas como categorias de análises dentro da perspectiva teórica do trabalho.

A etapa seguinte foi a realização de entrevistas, estas constituem importante elemento de sustentação ao trabalho.

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam as duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas. (MINAYO, 2002, p.58).

Assim sendo, foram coletados dados a partir de entrevistas estruturadas em forma de questionário, utilizando-se de ferramenta tecnológica, tais como o *Google Meet*®, *Google Forms*® e gravador de voz, facilitando a interação com os colaboradores estavam disponíveis em virtude dos protocolos de distanciamento social, causado pela pandemia da Covid-19 ocorrida neste ano de 2020. O questionário, enquanto técnica de investigação e coleta de dados, foi empregado nesta pesquisa para coletar uma grade qualitativa de dados.

Segundo Gil (2016, p. 128), o questionário tem por definição “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

No questionário as perguntas possuem um caráter que permite liberdade de respostas, podendo utilizar-se de linguagem própria de quem responde. Um ponto positivo nessa lógica é tornar-se possível respostas que não sejam pré-estabelecidas, não havendo influência, possibilitando o fragmento da memória lembrada.

Nesse propósito, a construção do questionário foi pensada de forma a atender todos os aspectos relevantes do objetivo ao qual a pesquisa se propõe. E por conseguinte, na cadência de ideias houve uma ligação, com sequência e conexão com a pergunta anterior.

A intervenção do entrevistador no questionário é mínima, uma vez que as perguntas são consolidadas, o pesquisador orienta esse processo, estabelecendo os objetivos, evitando que as respostas se distanciem do assunto principal. Nesse processo de investigação com entrevista, há a possibilidade de instigar o entrevistado para que busque em seu íntimo suas lembranças mais escondidas transformando em memórias vividas, pois, “O sujeito constitui-se a si próprio mediante o seu confronto tanto com sua imagem especular, quanto com o ‘outro’, em um processo contínuo de transformação.” (SANTOS, 1998, p. 5).

Também houve entrevistas semiestruturadas, [...] onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam as duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2002). Neste caso, o informante vai revisitando suas lembranças, e vai montando fragmentos de memória, construindo sua história, trazendo para a discussão os sentimentos, experiências e memórias daqueles que fazem e fizeram parte do contexto da EEEF 20 de Maio.

Partindo disso, utilizou-se da metodologia de história oral, também, visto que, a pesquisa baseia-se, também, em entrevistas gravadas, com o testemunho de vivências construídas em épocas diferentes na EEEF 20 de Maio.

A história oral tem como principal abordagem a coleta de depoimentos e o entrelaçamento da metodologia de entrevista estreitando laços entre o pesquisador e o entrevistado. Durante o relato, o entrevistado tem a possibilidade de reconstituir suas memórias, podendo se transpor a outras épocas e reformular suas ideias na medida em que desenvolve sua fala. (FGV CPDOC, [2020]).

Já para o pesquisador o interesse é voltado para sua pesquisa, seus objetivos, registrando a narrativa, entrelaçando com seu tema de estudo, criando linearidade no processo de reconstituição da história, relacionando os documentos existentes com as lembranças e memória do entrevistado. (FGV CPDOC, [2020]).

Na medida em que se proporciona ao entrevistado a visita às suas memórias, este tem o interesse em relatar suas lembranças mais significativas e, para ele, as

mais importantes. Nesse processo o entrevistador estimula a busca pelos quadros de memória do entrevistado. Ou seja, assim, percebe-se como o sujeito percebe e interpreta os fatos, tornando o estudo da história mais contextualizada com o grupo no qual está inserido, tanto o grupo da época em que a memória aconteceu, quanto o grupo em que a memória é reconstituída (CANDAU, 2012).

Portanto, a partir desse entendimento, será apresentado um capítulo dedicado ao produto final deste curso de Mestrado Profissional, conforme já indicado ao longo deste trabalho: a elaboração de um fotolivro, no qual são apresentadas vivências dos alunos e ex-alunos da Escola, com fotos históricas dispostas em agrupamentos de fases decenais, demonstrando os sentimentos de representatividade e pertencimento, possibilitando uma compreensão acerca da importância das memórias dos alunos e ex-alunos, ressignificando a EEEF 20 de Maio.

Ao final deste trabalho, constam os apêndices, os quais apresentam as propostas para as respectivas entrevistas, estruturadas e semiestruturadas e as redações selecionadas para análise, que foram desenvolvidas para esta investigação.

A análise dos dados coletados ao longo do trabalho foi feita com base nos autores já citados na revisão conceitual, e para atestar a validade dos dados qualitativos coletados serão utilizados os textos dos autores trabalhados ao longo do curso. Por fim, o resultado de toda a pesquisa será analisado e apresentado, mostrando o procedimento, trajetória e como foi desenvolvido o produto final, chegando por fim ao fotolivro, cujo detalhamento está a seguir.

7 FOTOLIVRO: MEMÓRIAS PARA RECORDAR

A intenção inicial do trabalho era a produção de um documentário. Contudo, mesmo diante de toda a tecnologia existente, percebe-se que o contato com as imagens impressas oferece um deleite todo especial para o espectador, uma vez que oferece a este, no seu próprio tempo de apreciação, análise e sua significação e ressignificação para as memórias de quem aprecia a imagem. Outrossim, atendeu-se a uma sugestão dada no processo de qualificação dessa proposta, visto que o sentimento do toque ao folhar as páginas de um fotolivro proporciona, também, àquele que o faz, o registro mental e a rememoração contida na imagem independentemente do tempo de exposição, que no caso da estaticidade da imagem fica totalmente a cargo de cada sujeito. Assim sendo, dando mais significado as suas próprias memórias a partir daqueles portadores de memórias. No silêncio das fotografias são suscitados momentos de reflexão e interação entre seus observadores num processo dialético onde um chama o outro para o processo de rememoração.

Dessa forma, neste capítulo está descrita a elaboração do fotolivro, que é meu produto técnico do curso de Mestrado, e foram reunidas fotografias de diferentes fases da EEEF 20 de Maio, sendo estas organizadas por décadas, momentos significativos que aos meus olhos eram importantes.

É importante registrar que, ao longo de entrevistas informais com pessoas que possuem artefatos referentes à história da EEEF 20 de Maio, e que foram gentilmente cedidos a esta pesquisadora, constituem importante acervo de informações.

Estes artefatos, as fotografias cedidas, pertencem à família Calsa, sob tutela da filha da Diretora Professora Carmem Lory Calsa, Professora Belkis Carolina Calsa e pela Professora Adélia Friedrich. Estes artefatos foram indispensáveis para a construção e composição do produto final, fotolivro intitulado: Fotomemória: vivências da EEEF 20 de Maio.

Também houve colaboração do acervo digital histórico do site <http://www.nossadica.com.br>, de João André Mallmann (Jam Brasil), que enviou por e-mail algumas fotos coletadas da época.

O fotolivro foi produzido com o intuito de ser mobilizador social elucidando passagens das pessoas que ali transitaram e transitam, apresentando a importância

dos sentimentos, experiências e memórias dos alunos e ex-alunos que serviram de instrumento balizador a este trabalho. Nele estão as memórias de 50 anos de vivências únicas, pessoais e do cotidiano, para que possamos vislumbrar momentos passados e futuros, propondo idealização e possibilidades. Sendo um registro, na qual a alma arvora, num documento dialético.

Um fotolivro é uma forma de arte autônoma, comparável a uma escultura, uma peça ou um filme. As fotografias perdem sua característica fotográfica individualmente considerada e se tornam partes — traduzidas em tinta de impressão — de um evento dramático chamado livro. (GARCIA, 2017)

Para Ramos, (2017), o fotolivro transborda do espectro íntimo para o público, deixa de ter uma característica de algo, no qual as fotos estão à disposição de um grupo familiar específico, e passa a ser um produto de mercado, no qual as imagens contam a história de um grupo social e as imagens remontam memórias que interferem ou interferiram na vida de uma sociedade.

Os fotolivros vêm sendo compreendidos como livros fotográficos temáticos, que contam alguma coisa. São livros de cunho mais autoral. Funcionam como obra (no caso dos livros de artista fotográficos) e/ou como projeto específico de um autor produtor¹⁹ do livro. São livros autônomos, que têm vida própria, não apêndices de exposições fotográficas, ou antologias, ou portfólios. Ultrapassam a questão meramente expositiva. As imagens fotográficas são protagonistas, ou dividem o protagonismo, na comunicação. Elas são consideradas mais em relação umas às outras e ao todo do livro, do que em sua individualidade. Tais livros normalmente são gerados pela cooperação entre imagens fotográficas, texto, design e materiais gráficos e, em geral, possuem uma potência narrativa. Eles portam mundos, realidades que acontecem no livro, podem ser fonte de informação e de experiências. (RAMOS, 2017, p. 29)

São memórias daqueles que constituem a Escola, nesta trilha perpassada de memórias construídas foi possível desfrutar de fotografias únicas, em preto e branco e coloridas. Perpassando por diferentes épocas dessa instituição que venho fazendo um firmamento de fé, vislumbrando possibilidades para estes que caminham pelos corredores da Escola, por sua vez, carregados de significados.

Caminhos que foram deixados por pessoas adoráveis, amigos inesquecíveis, alguns passaram somente na jornada da Escola, outros trazem consigo as lembranças da época carregadas de sentimento para o presente. Amigos que até hoje conversam, veem seus filhos e lembram da pré-Escola que ali fizeram e que

se remetem à brincadeira de roda no saguão. Alguns já se foram, seu corpo ainda transita, mas suas memórias foram tomadas pelo tempo.

Namoros que foram deixados nos corredores, beijos deixados ao vento se perderam e ficaram planando pelo sopro do tempo, novos cruzamentos se fizeram buscando novos significados que vão integrando essa comunidade.

E ao longo da história, o firmamento de fé se transmite com fotografias que registram passagens impregnadas de significados, “Para o pesquisador, sobretudo, para o historiador a fotografia, talvez, represente a detecção de uma fração especial com inúmeros significados temporais.” (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987 p. 21).

No fotolivro as fotos foram classificadas e categorizadas contemplando o período do início dos anos 60 até meados da década de 2010, impressões de uma sequência de acontecimentos, tendo o intuito de registrar momentos marcantes para as pessoas que passaram pelo evento. Imagens que conversavam entre si, com comparações contrastantes de fotografias em preto e branco até as coloridas, nos causando curiosidade em saber quem eram os protagonistas da época. Para Fernández (2011, p.22), “não há fotolivro feito apenas por fotografias.” Há também questionamentos que foram sanados em conversas entre pessoas que traziam consigo a sensibilidade e exemplares únicos do registro.

Esse fotolivro permitirá que a comunidade possa vivenciar momentos passados, retratando ao leitor a essência da EEEF 20 de Maio. Tendo o propósito de sensibilizar docentes, discentes e comunidade Escolar que, a partir dessa forma de desenvolver o estudo, ficará evidenciado o quanto as pessoas que convivem e congregam os mesmos ideais se identificam e formam uma comunidade, e este estudo das memórias de um grupo revitaliza a identidade da Escola.

8 DEPOIMENTOS: SENTIMENTOS REFLETIDOS NO TEMPO

Com o intuito de obter dados relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa, necessitou-se de formulários virtuais, entrevistas semiestruturadas que foram respondidos por ex-alunos e coleta de dados de textos que foram escritos por alunos que estudam na Escola¹. Na análise dos dados foi necessário conduzir a pesquisa em etapas para uma melhor racionalização dos processos que estão envolvidas nesta pesquisa.

Para as entrevistas foram convidados ex-alunos que se destacam em suas respectivas áreas de atuação, demonstrado pela relevância junto à comunidade estrelense. O retorno dos dados ocorreu no ano de 2020. Na apresentação dos resultados foi suprimida a identidade destas pessoas, optando-se por declarar os entrevistados utilizando-se siglas para discriminar cada depoimento.

Os dados obtidos dos ex-alunos foram divididos em duas partes. A primeira foi realizada através de questionário do *Google Forms*®, sendo seu *link* enviado via *WhatsApp*, previamente discutido com três entrevistados convidados, no que tange ao entendimento e à aceitação para a participação. A segunda constitui-se por duas entrevistas semiestruturadas, sendo uma de forma presencial, com uma mulher de 52 anos, Servidora Pública Estadual, no cargo de Agente Educacional II - Administração Escolar, atuando na Escola. Devido à necessidade de distanciamento social imposto pela pandemia da SARS Covid-19, a outra entrevista se deu com auxílio de recursos tecnológicos de videoconferência com um homem de 42 anos, graduado em História e atual Secretário de Educação de Estrela.

Os resultados dos questionários do *Google Forms*® foram expressados no Quadro 1 - Questionário com ex-alunos da Escola, que foi dividido por linhas, no qual constam perguntas de 1 até 6, questões básicas que este trabalho necessita para a sua melhor compreensão e excertos das respostas retornadas pelos entrevistados. As questões foram respondidas por duas mulheres com 58 e 63 anos de idade, ambas Servidoras Públicas, e um homem de 20 anos, atuando como Atendente de Lanchonete. As repostas serão apresentadas e analisadas ao longo deste capítulo.

É importante ressaltar que das entrevistas semiestruturadas foram selecionados recortes que estabelecem relação com as perguntas e respostas

¹ Os textos foram escritos por alunos das turmas de 6º e 7º Ano do ano letivo de 2019.

estipuladas no questionário. Salieta-se, ainda, que em uma entrevista semiestruturada o pesquisador procura deixar o entrevistado livre em seus pensamentos com perguntas que o façam revisitar suas memórias, como num *clic*, e assim, é perceptível que a carga emocional provocada pelas recordações pode apresentar lembranças que desencadeia um universo de sentimentos.

No cenário que vem se cruzando entre as perguntas e respostas obtidas, percebe-se que há semelhanças nas respostas, mescla uma explosão de sentimentos, um verdadeiro depoimento de lembranças sendo revisitadas em suas memórias vividas no passado, que vieram à tona no presente perpassando nostalgia e saudade. Assim, as respostas demonstram que as memórias vão se resignificando ao tempo que foi vivido. Ao ler se reconhece como era a educação recebida na EEEF 20 de Maio, como ambas descrevem “com valores”. E o que isso significa? É como se depois de décadas, valores não tivessem mais significado como anteriormente.

A busca das memórias em suas mentes foi contida, devido ao fato de ser por formulário, acredito que se eu tivesse realizado a entrevista presencialmente, teria muito mais dados para serem analisados. A pandemia da Covid-19 que estamos vivenciando deixou que esse primeiro momento discorresse dessa forma. Abaixo segue o quadro com os dados coletados, de questionário enviado via *Google Forms®* de três ex-alunos que responderam as seis questões.

Figura 8 – Quadro de resposta do questionário com ex-alunos da Escola

1. Qual é o seu nome, de onde você é, data de nascimento, sua ocupação?
J I T/ Estrelense / 01.03.1962/ Servidora Pública Municipal. I O/ Teutoniense / 10.04.1959/ Funcionária Pública. P H P S/ Estrelense /07.07.2000/ Atendente de Lanchonete.
2. Qual a sua relação com a EEEF 20 de Maio? Quais são as lembranças que você tem deste lugar?
J I T - Minha relação com a Escola é de amizade com uma estagiária de magistério e amiga de uma professora que é mestranda na Escola. Minha mais intensa lembrança é em relação a estrutura física do prédio. Atualmente é ampla, e supre muitas necessidades dos alunos e professores, sendo que na época (nos anos de

1969, 1970, 1971) não havia necessidade e nem clientela para toda essa estrutura que existe hoje.

I O - Fui aluna da Escola Municipal Subúrbios que funcionava provisoriamente junto ao Colégio Martin Luther e em 20 de maio de 1969, foi inaugurada a EEEF 20 de Maio, pelo prefeito da época Adão Henrique Fett e extinta a Escola que funcionava no Martin Luther.

P H P - Eu era aluno, comecei desde o primeiro ano e terminei o fundamental, sempre gostei de estudar lá, participei do Grêmio estudantil, adorava participar das gincanas que tínhamos, professores sempre eram muito queridos.

3. Que sentimentos estas lembranças despertam em você? Me conta uma situação marcante que te aconteceu?

J I T - O sentimento é de saudade. Muita saudade de amigos, professores, da época de infância. O episódio que me marcou foi um acidente, por brincadeiras no pátio, quando caí por cima da cerca de arame que circulava nos fundos do pátio da Escola.

I O - Sentimentos de alegria, de uma infância feliz, saudades... Situação como: Horas Cívicas toda semana, recreio dirigido que um dia era a cargo de uma professora coordenar as brincadeiras e no outro dia, outra sucessivamente. Festas de São João; A merenda. Sopa de feijão. Coral da Escola; Grupo de danças; Aulas de Educação Artística e Culinária que geralmente aconteciam na casa das professoras no turno inverso as aulas; Aulas de inglês; Auxílio pelos alunos do quinto ano aos professores do pré e jardim no turno inverso; E o que marcou realmente: varrer o pátio na hora do recreio, enquanto todas as crianças brincavam por não ter feito a lição de casa!!! obs.: O trauma foi tão grande que até hoje a professora é uma das minhas melhores amigas!!!

P H P - Por incrível que pareça, estive pensando nisso dias atrás e o que mais me marcou foi as amizades que tenho até hoje, e também as apresentações de

danças que fizemos com a professora de educação física, lembro de termos nós apresentados em vários lugares e eu sinto muita falta disso!

4. Do que você mais lembra do tempo em que estudava na Escola ?

J I T - Lembro muito da minha infância. Das brincadeiras no pátio na hora do recreio, e muito da merenda que era a sopa servida, e da contribuição de verduras de cada aluno que levava e deixava na entrada da Escola, e com que orgulho se levava " uma batata " para a sopa, " QUE DELÍCIA!" Nunca mais senti este sabor!!! São tantas lembranças!!! Mas este sabor, NUNCA MAIS SENTI!!!! BOA LEMBRANÇA!!!

I O - Dos muitos amigos e dos grandes professores.

P H P - Das festas juninas, adorava as festas, a decoração toda, sempre achei muito lindo!

5. A EEEF 20 de Maio contribuiu para você tornar-se o que/quem você é hoje? Como isso aconteceu?

J I T - SIM, contribuiu. Principalmente, por ter oportunizado a cidadania nas crianças daquela época.

I O - Certamente, recebemos disciplina respeito aos mais velhos, cultura, educação moral e educação cívica que abrangia saber cantar todos os hinos e que nunca foram esquecidos.

P H P - Com certeza, sempre ouvíamos muito dos professores que deveríamos dar nosso melhor sempre e se dedicar nos estudos para alcançarmos nossos objetivos, e são vários conselhos que recebi no tempo de Escola que eu uso até hoje!

6. Hoje você tem algum contato com a Escola? Gostaria de ter? Da mesma forma que a Escola te marcou/marca, você gostaria de deixar uma marca sua na Escola? Se sim, como?

J I T - NÃO TENHO CONTATO. SÓ COM AMIGAS PROFESSORAS ou por atividade profissional. SUGESTÃO: Pannel com nomes de ex-alunos numa bonita festa de encontro sendo servida uma sopa!

I O - Não tenho contato. Gostaria muito de ter sim. Gostaria de colocar uma foto dos alunos de um determinado ano ou um encontro na Escola com muitos amigos que ainda moram em Estrela e de muitos que foram embora, mas que permanecem vivos nas recordações. OBS. Difícil mensurar todas as lembranças e recordações tão importantes e boas.... Uma saudade imensa. Difícil segurar a emoção.

P H P - Pouquíssimo contato; queria sim ter mais contato! Gostaria sim, já pensei de várias formas, tipo ajuda organizar umas gincanas para o pessoal, decorar a Escola, incentivar os alunos a cultura e por aí...

Fonte: elaborado pela autora (2020).

O contexto que J I T e I O vivenciaram foi quando a Escola estava instalada no Colégio Martin Luther, e foram juntas para o novo prédio ao final da década de 60, em 20 de maio de 1969, tendo uma carga de diversos movimentos vivenciados nesse período, uma geração marcada com valores inerentes a um regime ditatorial de ordem, respeito, honra, comprometimento, dedicação, relação de ética e moral, todos esses conceitos marcaram essa geração.

Nesse período muito foram os movimentos que influenciaram gerações, sendo uma projeção para o futuro, devido aos movimentos que marcaram um novo ordenamento social no mundo ocidental.

Como movimento, era também projeção de um dado futuro (um novo horizonte, novos limites), que não se fixava em uma recusa, mas projetava ideais de liberdade. Movimento nomeado de diversos modos, que indicavam concepções teóricas e práticas não homogêneas e mesmo conflitantes, as lutas de libertação, as lutas antiautoritárias, as lutas "revolucionárias" da geração dos anos de 1960 tinham em comum o questionamento da situação presente e o objetivo de uma transformação social. (CARDOSO, 2005, p. 96).

Este contexto marcaria gerações numa época em que a busca pela democracia causava toda uma evolução social da qual muitos fizeram parte mesmo não tendo percebido seu impacto direto.

Já para P H P, que nasceu muito depois desse período de revolução social emergem mesmo assim, sentimentos similares aos de J I T e I O. É perceptível, ao analisar os dados coletados, que há uma fusão entre os sentimentos suscitados ao longo dos relatos e as lembranças que remetem a estes sentimentos. Os entrevistados não conseguem separar o que lembram sem transbordar o hoje, no momento da rememoração, o que “os afetou”, transformando situações do cotidiano Escolar em afetividade pura, demonstrando a inseparabilidade entre memória e sentimento, aquilo que lembramos e esquecemos, aquilo que optamos por esquecer diante daquilo que enchemos de valor para constituir nossa memória. Ou seja, a marca que constitui a memória naquele momento, é transmitida com o mesmo sentimento anos mais tarde, mesmo em outro lugar, mas explicitando a relevância que aqueles aspectos do cotidiano Escolar têm na formação do indivíduo. Foram inúmeras brincadeiras, atividades Escolares, colegas, festas e afetos que constituem cada um dos entrevistados hoje e, mesmo tendo a mesma origem e carga emocional, o fazem de diferentes formas. Só resta a perspectiva de que os mesmos estímulos deixaram a marca e o sentimento de pertencimento a este lugar que propiciou tudo isso, a EEEF 20 de Maio.

Dentre as lembranças, as mais citadas remetem ao cotidiano social da Escola, e as que mais criaram marca, referem-se ao cotidiano pedagógico. Quanto às contribuições para cada um surgem sentimentos, valores e experiências, elementos estes que propiciam condições para o desenvolvimento integral de cada um. A marca que ambos gostariam de deixar referem-se às pessoas, organização de eventos, painel com fotos e o desejo de participarem de um encontro com ex-alunos.

Com base nos relatos, pensando nesse grupo, realizei algumas reflexões de como poderia rememorar as histórias daqueles que estiveram comungando da sabedoria daquele lugar que possui tantas memórias incrustadas em suas paredes de como compreender o seu passado, dito isso, o uso da metodologia da história oral se fez necessário, servindo de base para contar a história da EEEF 20 de Maio, uma vez que houve dificuldade em obter documentações adequadas à realização dessa pesquisa. Também necessitei de dados da atualidade que busquei junto aos

alunos dentro da instituição, tendo como material, textos que foram na sua maioria depoimento de seus sentimentos perante essa Escola.

Os dados que serão visualizados em seguida, são referentes aos textos que os alunos escreveram ao final do ano de 2019. Foram selecionados um grupo significativo de alunos, dos quais 20 entregaram as redações propostas, sendo que eram meninas e meninos, com idade entre 12 e 17 anos. E posteriormente o entrelaçamento com comparativo de respostas similares, entre ex-alunos e alunos, apresentando traços da identidade da Escola.

O primeiro critério de seleção foi buscar alunos que frequentaram a Escola no início de sua Escolarização, porém durante a pesquisa acrescentaram-se alunos que também compunham as turmas utilizadas como amostra de pesquisa.

O gráfico circular utilizado para a tabulação de dados tem como objetivo a visualização mais clara das análises realizadas, o que facilita na comparação das respostas dadas se apresentando de forma fracionária referente ao todo.

Figura 9 – Tabulação de dados coletados nas produções escritas



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Analisando o gráfico, percebemos que surgiram 12 elementos passíveis de análise, tendo os 4 mais mencionados: Relação de amizade; Merenda; Relação afetiva com a Escola e; Visão distorcida da Escola. Entre estas 12 categorias elencadas nos textos, selecionei as 4 mais mencionadas para serem analisadas.

As relações que se constroem dentro de uma Escola implicam em aceitar o outro como ele é, compreender o momento em que cada um está, isso se constrói mediante as relações de aproximação, criando grupos de afinidade, eles se refletem, se modificam e simultaneamente transformam o outro. A aproximação

entre os pares se faz necessária para a construção de sentimentos e afeto. A amizade se concretiza na interação humana.

Para o aluno J H, “o que eu mais gosto na sala, é a amizade de todos”, para ele, a formação de laços afetivos é necessária para o bem-estar entre todos; para Celina Aquino, a afinidade entre os pares é de suma importância para a construção das relações dentro da Escola, a troca de experiências se faz nos diferentes espaços.

A aluna S S, que ingressou na metade do ano de 2019, se sentiu bem com a reciprocidade das alunas da turma, algumas ela já conhecia, e com sua timidez, que era evidente tinha receio de se manifestar nas aulas. Aos poucos, foi conhecendo o grupo e começou a se sentir parte e integrante de um pequeno grupo de meninas em que no recreio se sentavam juntas para conversar, falar das pessoas que ali trabalhavam e com quem tinham afinidades. Vivian Fiuza salienta que: “Geralmente nos aproximamos daqueles que mais se parecem conosco; aqueles que têm os mesmos gostos, valores, crenças, objetivos e até as mesmas manias.”

Os valores dentro das relações são lembrados pela aluna A S S, tendo sua interpretação: “[...] na nossa turma tem algo que sempre fortalece a nossa amizade, que é o amor ao próximo, porque além de todas as brigas, nós sempre no final, nos abraçamos e pedimos desculpas, isso pra mim é algo muito valioso.” Para ela, a amizade não é uma relação perfeita e simples, apresenta-se de forma complexa, a peculiaridade onde as ideias se divergem e se aproximam ao mesmo tempo é a aceitação que se faz necessária para uma boa relação de convivência. E a BP determina que: “Dentro da sala, nossa sala temos altos e baixos, mas acima de tudo, a amizade em qualquer circunstância é que fica.” Em suas falas, as duas alunas destacam que há momentos de conflitos entre eles, e também essa proximidade faz com que se identifiquem dentro de um grupo social e que esses conflitos que surgem não são preponderantes na convivência entre os pares. Dentro das percepções que ambas tiveram, observa-se o conhecimento do todo para o eu, e a reciprocidade que possuem entre si nesse grupo de alunos é fundamental para manutenção e desenvolvimento das relações que estão vivenciando no momento.

A aluna A E, imigrante do Haiti, chegou em nossa Escola no processo de alfabetização, hoje, com 11 anos se coloca em nossa Escola como uma integrante: “Eu comecei a estudar na EEEF 20 de Maio, fui muito bem recebida por todos, eu era uma garotinha muito esperta, não demorei tanto e aprendi a falar o português.”

Essa menina teve que se apropriar de uma cultura diferente da sua, a família se fixou na cidade de Estrela devido às oportunidades que se ofereciam aqui, segundo o relato da aluna. O estabelecimento de amizade destacado por ela, percebe-se devido ao contexto que, ao discorrer suas palavras, evoca seus sentimentos de pertença a um grupo.

Na vida Escolar desses alunos, a amizade é vista como afinidade na qual pertencem e a retórica holista pressupõe que as características individuais, ao mesmo tempo em que agrupam enquanto semelhantes, determinam a possibilidade de atração para que os diferentes se sintam pertencentes. (CANDAU, 2012). Dentre estas afinidades, a merenda faz parte da construção afetiva de amizade, nesse momento partilham à mesa dando outro ingrediente à dinâmica e significados aos momentos convividos entre eles. A vivência nos espaços Escolares faz com que em um determinado momento compartilhem o mesmo espaço, o refeitório. Lugar de convivência e harmonia, evocam em seus pratos explosões de sabores e cores e potencializam com o sentimento de afeto ao partilharem comungando de ideias parecidas, suprem a necessidade do corpo e a construção e fortalecimento dos laços que constituem esse grupo. E são nessas entrelinhas da convivência que a merenda proporciona e perpassa por gerações que a floraram seus sentimentos de pertença, no passar pelo corredor ou saguão se comunicam para estreitar momentos que irão surgir ao longo do recreio ou após a Escola.

[...] as impressões afetivas elas mesmas tendem a se manifestar em imagens e representações coletivas. Em todo o caso, se puder, com durações individuais, reconstruir uma duração mais ampla, e impessoal, na qual estão compreendidas, é porque elas mesmas se destacam sobre o fundo de um tempo coletivo ao qual emprestam toda a sua substância. (HALBWACHS, 2006, p.100)

Nesse espaço evocam memórias que ali viveram, que ali nasceram, vivências de crianças, adolescentes e adultos que ali buscaram aconchego, um momento de paz e lazer, a merenda é o pão que alimenta a alma.

Nas lembranças dos entrevistados, estes recompuseram suas lembranças, permeadas de sentimentos, sentimentos que em seus olhares denunciavam suas reações, às suas mais profundas recordações, eram eles que comandavam a quais lembranças evocar, retomando do seu ponto de visão. Ao olharem para o alto pode-se perceber que ambos estavam ativando suas memórias,

sem expor todas as lembranças, entre fragmentos protegendo-se do que não foi acessado. (ASSMANN, 2011).

Analisando os questionários das ex-alunas J I T e I O, foi perceptível a memória embutida em suas lembranças, detalham como contribuíam para a sopa que seria servida no recreio. Já a N T M, durante a entrevista, denunciava em seu olhar terno, coberto de lágrimas, saudades daquele tempo, ao falar sua voz tremia, suas mãos gesticulavam, tentando me descrever, o sabor que a sopa de feijão causava em seu paladar. Memórias que a deixou por alguns segundos engasgada, como sua voz embargada, coberta de emoções.

Já o entrevistado M A M, se refere ao alimento de sua sabedoria, a busca dos diferentes saberes que a Escola proporciona ao estudante, relata demonstrando alegria ao falar de sua primeira professora, que lhe mostrou a janela das emoções e imaginação lá pelos seus 4 ou 5 anos, isso não se recorda com exatidão. Afirma em sua fala “Tenho um carinho enorme por esse período do jardim de infância que eu tenho memória na Escola”, “Me inspiro muito naquele momento nessa lembrança.”, O fascínio que descreve o carinho que a professora Lia tinha por seus alunos o emociona, trazendo em sua fala o quanto é grato por ter estado “naquele lugar” e “naquele momento”. “Enquanto professor, eu penso que, se a gente conseguir fazer na educação o que a professora Lia fez conosco, a gente vai ter cumprido o nosso papel.” Ou quando se recorda de sua sala de aula referindo-se às pinturas da janela com as personagens “Branca de Neve e os sete anões”, explanando a passagem de sua infância.

Este hábito dos professores fascinantes contribui para o desenvolver: autoestima, estabilidade, tranquilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar. Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos. (CURY, 2003, p. 64).

Sua inspiração é evidente quando coloca a escolha de sua profissão, professor de História, isso remexe os sentimentos e sua vocação ou encantamento pela educação, em virtude de sua alfabetização. Durante a entrevista *Google Meet*® muitas foram suas referências a essas lembranças, a essa professora que tornou sua vida mais colorida, como nas fotografias que vêm sendo ilustradas as memórias dessa comunidade.

Outro aspecto analisado nesta contextualização, com base no discurso de pessoas de diferentes décadas, as quais viveram um contexto de EEEF 20 de Maio em diferentes décadas, foi perceber que a memória e identidade rememoradas em diferentes momentos da vidas dos jovens e adultos que vivem e viveram em nossa adorável EEEF 20 de Maio. Junto a todos os detalhes que foram elucidados neste trabalho, constituem histórias de vida distintas, nas quais alguns já possuem uma trajetória de vida consolidada, outros irão partir em busca de sentido para suas vidas a partir da reflexão feita e proporcionada por este trabalho. Cada trajetória e acontecimento na Escola teve seu significado abordando os diferentes olhares que cada um possui da Escola, enquanto instrumento de formação e construção de conhecimento de extrema relevância social para assumir seu papel como um cidadão crítico na comunidade de Estrela.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para esta dissertação, na qual colhi tantas lembranças, recordações e memórias, pude compreender o quão são significativas para mim. Pude realizar diversas discussões teóricas e empíricas, percorrendo itinerários entre o passado e o presente, envolvendo as narrativas, vivências que afloraram em sentimentos diante de meus olhos e nos relatos escritos, pude vivenciar junto daqueles que confiaram a mim suas memórias. Foi uma experiência de conhecimento que me proporcionou qualificação na prática enquanto Orientadora Educacional, enriquecimento dos meus conhecimentos acerca da história da Escola na qual atuo.

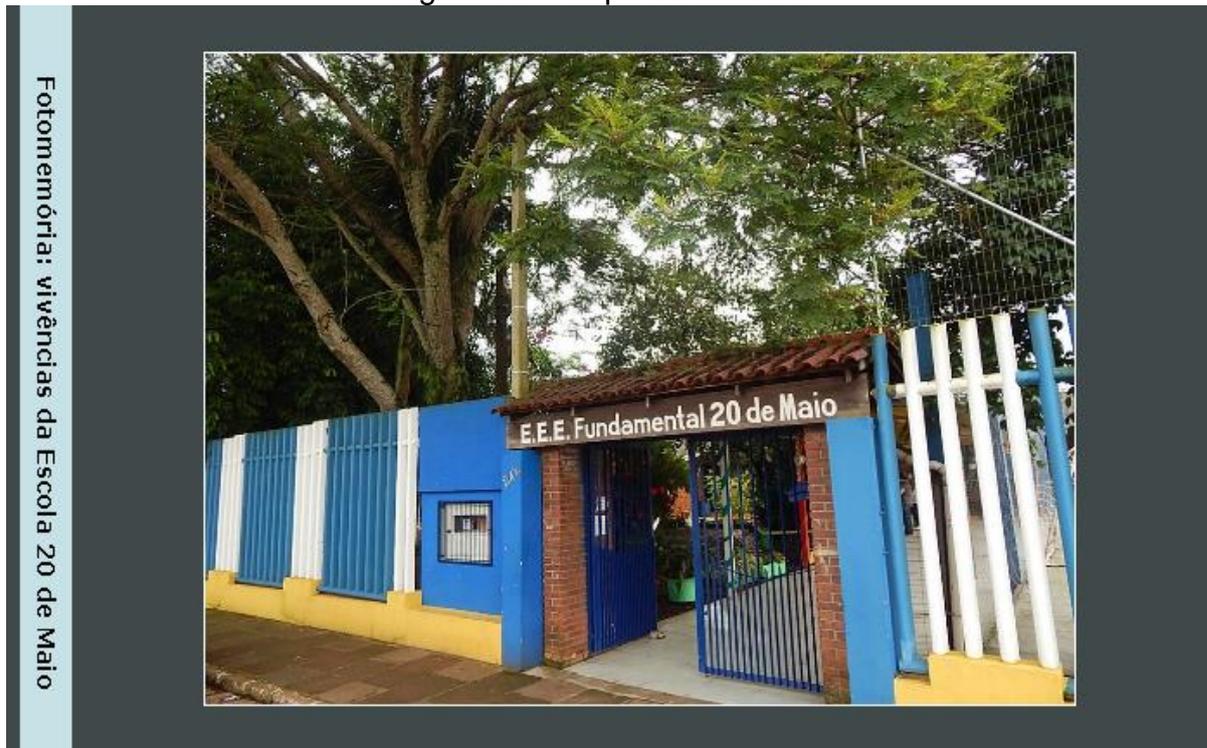
Ao analisar o contexto da Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio, percebe-se que a Escola é um dos lugares privilegiados para a construção pessoal e histórica de um indivíduo, pois, neste lugar, as pessoas passam por um período de tempo significativo sendo expostas a uma gama de ensinamentos e de conteúdos.

Cada um dos alunos que vem diariamente até nós, carrega consigo todo um histórico, bagagem cultural, memória institucional da família e a cultura da realidade na qual ele vive. Então, podemos afirmar que as memórias são capazes de (des)(re)construir a identidade, e por conseguinte, o sentimento de pertencimento a um grupo, do indivíduo, ou seja, elas são fatores preponderantes na constituição da identidade e pertencimento.

É difícil descrever o que sinto nestas últimas páginas, nas quais venho a me despedir desta narrativa que dialoga com muitas lembranças, memórias coletivas, assim como as fotografias que se conversaram entre si, narrando uma trajetória de muitas pessoas que por aqui passaram, marcando décadas de lutas para que esta instituição pudesse marcar pessoas como um espaço de cultura e memória. Aproximando e distanciando ao mesmo tempo todas as gerações que vieram a marcar essas paredes cobertas de sentimentos, lágrimas e ilusões.

Em meio a tantas imagens selecionadas, a da capa tem um significado que, para muitas pessoas as quais não conhecem a história da Escola, não tem muito sentido. Contudo, me reporta as memórias da inauguração desse muro, onde cada cor escolhida, teve seu significado: azul de amizade, branco da paz e amarelo da sabedoria.

Figura 10 – Capa do fotolivro



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 11 – Contracapa do fotolivro

Fotomemória: vivências da Escola 20 de Maio

Fotos...

Imagens refletidas do tempo, marcadas em papel,
com cores e linhas...

Vidas por memórias de pessoas que por aqui
passaram,

deixando um pouco de si e levando um pouco de
nós,

história que o tempo marcou com a existência
materializada em papel... preto e branco ou
colorida!

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Tomemos como exemplo as fotografias a seguir. Na primeira (Figura 12) temos artefato cultural que simboliza um recorte de uma tradição que perpassou décadas mantendo aspectos de originalidade, demonstrando à similaridade entre as imagens, mesmo que em tempos distintos, em uma melodia transcendo o significado de estar incluído um grupo.

Figura 12 – Página do Fotolivro: Corais



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Na segunda fotografia (Figura 13) podemos vislumbrar as mesmas relações atemporais, porém, com outro contexto do cotidiano, representando outra característica de envolvimento social.

Figura 13 – Página do Fotolivro: Horta



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Por fim na imagem que segue (Figura 14), é possível imaginar a importância que esta Escola representa a estes alunos, mesmo na despedida do ano, eles anseiam retornar, na esperança de serem acolhidos afetivamente por aqueles que compõem esta instituição.

Figura 14 – Página do Fotolivro: A despedida



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Para aqueles, que nunca sonharam em ser pessoas ilustres e outras que se sentem em seu lugar, firmando seu espaço. Evocam para si todos os ensinamentos firmados por aqueles que nasceram para ensinar, mantendo dentro de si a esperança de ver aquele sujeito deixando sua marca em sua comunidade. Sensação de missão cumprida, firmando seu propósito de “formar, serem transformadores de sua realidade”. E isso somente foi possível através de um dos objetivos desta proposta: articular estratégias que proporcionem espaço de escuta atenta para os alunos; alcançado com êxito ao longo da caminhada.

Outro dos objetivos, compreender a importância das memórias dos alunos para dar significado à EEEF 20 de Maio, foi atingido na medida em que, através daquilo que as pessoas, as quais doaram seu tempo para que esta pesquisa se concretizasse, por si só, já demonstraram em sentimento, o quanto as memórias possuem relevância na construção de significado da instituição. Foi através desta lembrança, em conjunto com as descrições atuais, que ficou demonstrado que

quem participou da comunidade Escolar, comunga no mesmo cálice, trazendo dentro de si, memórias de afeto que, vislumbradas através de muitas janelas, revivendo seu passado, ativando suas lembranças mais profundas, dialogando com seu ser pequeno e rememorando sua estada tão significativa nesse lugar, denominada Escola.

Com base nisto, pude perceber que, apenas com o diálogo com os alunos para a compreensão do papel da Escola em suas memórias seria possível identificar as formas pelas quais os alunos reconhecem, elaboram e explicam as realidades vividas na Escola. Assim sendo, percebo que estes dois objetivos são interdependentes, pois, foi através do diálogo que os alunos e ex-alunos se reconheceram como parte integrante deste grupo. Foi através da reflexão possibilitada pelo trabalho que eles explicaram as realidades vividas a partir da compreensão do papel da Escola em sua vida pessoal, (re)constituindo novas memórias a partir da memória da Escola.

Também, os deslocamentos de tempo e de espaço foram o suporte para que esta pesquisa se desdobrasse no Fotomemória que proporcionou legitimidade a esse processo do desenvolvimento do conteúdo em si. Pois o fotolivro poderá perpassar as gerações que ainda virão para a EEEF 20 de Maio, transitando por aqueles que construirão suas memórias, dando possibilidade de vida própria, nascendo novos registros, proporcionando circulação nos diferentes sentimentos.

Evoco aqui minha inspiração de viver os momentos que pude passar, dando vida a este artefato cultural, ilustrando cada página que dialoga com quem o vê. Páginas que falam por si só, as fotos falam os fatos que ficaram impressas nas páginas que estavam em branco, permeadas de significados por aqueles que circulavam nas fotografias, rostos conhecidos, outros nem se imagina quem eram. Mas para aqueles que me narravam suas vivências estavam repletas de memórias, e assim, davam o contexto do momento em que a imagem se eternizava ao *clic* da câmera, os fatos em fotos. Esta inspiração advém de meus próprios sentimentos vividos em minha Escola enquanto criança, me fez sentir e viver muitas emoções ao entrar e ver a escadaria, lembrar que os únicos artefatos que possuía para frequentar a Escola era minha congá azul e meias brancas. E hoje, como adulta, estar no ambiente Escolar que atuo como Orientadora, me desperta essas recordações e memórias de viver com essas Escolas impregnadas em mim, repletas de significados.

Fotografia, imagem que se congelou no momento que se se dava a passada num desfile, aos parabéns que se cantava ao som de muitas vozes, a dança da nossa cultura gaúcha, que se executavam em muitos pares.

Todos estes aspectos se convergem para a organização da Escola Estadual 20 de Maio, na qual essa vastidão de características individuais irá transformar e dar identidade ao espaço da Escola fazendo com que ela se torne uma organização composta de vários grupos sociais menores, sem esquecer que o macro é composto pelos microcomponentes desta história que vão preenchendo as lacunas a fim de compor uma memória institucional única.

Dessa forma, pode-se avaliar que o trabalho sendo desenvolvido com base nos conceitos de espaço, de memória, de instituição e de organização, os quais estão interligados, inter-relacionados e integram um todo a ser analisado no grupo focal e na história da Escola e, assim, como a memória coletiva, um conceito se apoia no outro para tornar seu objetivo mais claro.

Sendo assim, procura-se problematizar a EEEF 20 de Maio como um espaço de construção de memória, dialogando com os conceitos que foram apresentados neste projeto, sendo marcadas as impressões vividas, possibilitando compreender esse local como um lugar a recuperar seu passado. Assim, pretende-se conservar, comungando e ligando o passado com o presente vivido, na busca da preservação da memória das pessoas que por ali transitam(ram), a qual sempre teremos acesso. Lugar arraigado de histórias de vida de cada aluno, professores e funcionários que ali passam(ram), paredes marcadas de vivências ao longo de 59 anos de existência.

Partindo desta perspectiva percebe-se, atualmente, o não pertencimento dentro da Escola. São histórias que, de um ano para outro vão se modificando, que nem sempre se consolidam no tempo, tornando o espaço como passagem, mesmo estando inseridos dentro da comunidade maior, que é a instituição, pois os laços nos quais se entrecruzam as similaridades estão em um nível de comunidade orgânica e, portanto, a afetividade é entre o que aproxima os indivíduos, e não o que os aproxima do grupo maior, ou seja, a EEEF 20 de Maio.

Ao ver os desdobramentos do caminho percorrido ao longo de todos os estudos realizados, durante as pesquisas documentais, entrevistas e conversas com pessoas que por ali estiveram os primeiro contatos, foi possível visualizar uma história emocionante em que cada um passou, alguns se emocionam ao lembrarem de uma deliciosa sopa, outro vê que seu caminho foi percorrer em direção à

educação, e tudo foi possível por ter tido uma alfabetizadora de excelência, não só por seus conhecimentos, mas por transformar a alfabetização em um encantamento permeado de afeto. E que os espaços de convivência fazem toda a diferença para o desenvolvimento de uma pessoa, são nesses lugares que são possíveis trocas de experiências, contribuindo para alívio do estresse. Dessa forma, melhora o desempenho do aluno em sala de aula, desenvolvendo seres pensantes e transformadores de sua realidade.

Com esta dissertação que por aqui venho a “me despedir”, foi possível vislumbrar algumas possibilidades de sequência a este trabalho. Durante o processo de busca de elementos que compusessem a história da EEEF 20 de Maio, pude ouvir um pouco mais sobre a trajetória da professora Carmem Lory Calsa dentro da Escola, me despertando o interesse em conhecer melhor essa mulher que estava à frente do seu tempo, trazendo a esta comunidade a persistência da luta para a democracia e lugar igualitário aos seus alunos e sua importância para essa comunidade. Pensar que este trabalho está pronto seria pretensão de minha parte, pois há muitas fotos para serem catalogadas e pesquisadas a fim de dar continuidade a este legado, deixando impresso a sequência de um próximo fotolivro, contendo mais registros documentais e fotográficos, preservando a memória institucional. O fotolivro poderia ter recebido tratamento profissional em sua finalização, porém, ao confeccioná-lo, utilizando-me de minhas próprias habilidades e recursos, tive a intenção de que aqueles que o virem tenham despertados os mesmos sentimentos que eu tive, cada um a partir de suas próprias memórias.

Procurando responder o problema que norteou essa dissertação, que as lembranças narradas a mim, foi o que me fascinou enquanto pesquisadora, através das narrativas dos ex-alunos e os textos escritos pelos alunos das turmas do 6º e 7º Ano, a partir das quais pude delimitar o paralelo sobre as relações que possuíam e possuem com a EEEF 20 de Maio e deixaram transparecer em suas memórias e sentimentos quando relataram a importância que a Escola teve para cada um. Ao ressaltar que o alimento fazia e faz parte do cotidiano da Escola, ficou demonstrado que este elemento é o ponto no qual os sentimentos se entrelaçaram em uma forma de se sentirem pertencentes a um grupo, que comungavam.

Ficou comprovado que esse trabalho foi de relevância a essa comunidade Escolar, visto que, permitiu aos 5 entrevistados lembrar sua trajetória dentro da instituição e de sua importância as suas formações e quem se tornaram para a

comunidade. Nesse processo remontaram suas memórias e que o tempo havia passado, através das décadas, cada um em seu tempo, mas as marcas deixadas foram as mesmas, ficou evidente que a Escola marcou positivamente, marcas impressas nas fotografias.

Aos textos escritos pelos alunos que se propuseram a entregar de forma espontânea, foi possível traçar o entrelaçamento com os objetivos propostos nesta dissertação.

Vendo as memórias que foram estudadas dentro do fotolivro, talvez fosse inimaginável para Halbwachs tanta repercussão na atualidade, que se estaria dando vida a um produto que ficará enraizado nas memórias daqueles que estão indelevelmente, transbordando expressividade, no *clíc da máquina*”, nas páginas do fotolivro. Nas páginas, a impressão de lembranças históricas, as quais foram se compondo através de diferentes acontecimentos que se conversaram tomando emprestado as memórias um do outro, dando significado a toda composição com as fotos escolhidas. As lembranças que cada um trouxe para compor esse momento, sendo uma memória pessoal, num ponto de vista, mas que extraordinariamente são lembranças que se conversam, se entrelaçam, numa memória coletiva, fazendo parte da história institucional.

Este deslocamento de tempo, no ir e vir das memórias, na percepção de Candau (2012), mesmo em função do passado, depende de elementos do presente na busca de relações com o que está por vir. Então, pode-se dizer que as memórias e as lembranças fazem parte da identidade da EEEF 20 de Maio. Ao recordar essas lembranças, está se estabelecendo conexão de uma nova história, contando sua verdade naquele contexto, percebendo-se um novo panorama, remontando elementos que no presente forma a identidade, que ao passar do tempo se modifica constituindo uma nova identidade, pois esta história está em constante (re)construção traçando um novo futuro.

O fotolivro tem intenção de conectar as lembranças com as memórias coletivas, as fotografias, contidas nas páginas, vinculam alunos, professores, funcionários, equipes diretivas e comunidade, do passado e presente, mostrando-nos momentos de pertença na instituição, durante os festejos, seja em desfiles, grupos culturais, ou aniversários da Escola. Contudo, ao mesmo tempo, essas afirmações se contradizem com os fatos vividos na atualidade, a busca de se sentir ouvido, ou esse trânsito de idas e vindas de alunos de forma peculiar, demonstra

que esse sentimento apresentou uma ruptura, como as recordações, que segunda Assmann (2011), não são confiáveis, pois, é possível que os alunos não saibam o real motivo por se transferir e em alguns meses retornar, talvez seja inconsciente a ação, um recorte da lembrança evocada.

As fotos são representações de fases em imagens do *clic* da máquina fotográfica, que em um processo coletivo e contínuo na evolução do ser humano, uma metamorfose, com diversos ciclos que se tornaram análise, contextualizando esta narrativa num processo dialógico ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro., v. 3, n 3: 297-305, jul/set,1987. Trimestral. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/1987.v3n3/297-305/pt>. Acesso em 06 set.2020.
- ANDRADE, Rogério Ferreira de. As análises institucionalistas nas organizações e o conceito de “institucional”. **Caleidoscópio**: Revista de Comunicação e Cultura, Lisboa, v. 1, n. 03, p.49-64, jul. 2003. Semestral. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2205>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- AQUINO, Celina. Cultivar amizades no ambiente Escolar é tão necessário quanto tirar boas notas. **Estado de Minas**. Belo Horizonte: Jornal, 2014. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2014/01/25/internas_educacao,491607/cultivar-amizades-no-ambiente-Escolar-e-tao-necessario-quanto-tirar-boas-notas.shtml. Acessado em: 25 out. 2020.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Unicamp, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 02 out. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. 472 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. 217p.
- CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 93-107, nov. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702005000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a05v17n2.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- CASSIRER, Ernst. A definição do homem nos termos da cultura humana. *In*: CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 107-120.
- CERVATO-MANCUSO, Ana Maria *et al.* O papel da alimentação Escolar na formação dos hábitos alimentares. **Rev. Paul Pediatr**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 324-30, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rpp/v31n3/pt_0103-0582-rpp-31-03-00324.pdf. Acesso em: 12 out 2020. 2013, 31(3):324-30
- COLOMBO, Nilza Cristina Taborda de Jesus. Memória e identidade. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. Canoas: Unilasalle, 2017. p. 178-179.

CPDOC. **O que é história oral**. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 03 jul. 2020.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Curitiba, v. 1, n. 15, p.35-42, jun. 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282321834004>. Acesso em: 19 set. 2019.

FERNÁNDEZ, Horácio. **Fotolivros Latino-Americano**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FGV CPDOC (Rio de Janeiro). **Entrevistas do Programa de História Oral**. [2020]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 09 ago. 2020.

FIUZA, Vivian. **É bom ter amigos na Escola?**. CPB Educacional. Disponível em: <https://educacional.cpb.com.br/conteudos/universo-educacao/e-bom-ter-amigos-na-Escola/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

GARCIA, Marcelo. **Afinal, o que é um fotolivro?** 2017. Medium. Disponível em: <https://medium.com/@ummarcelogarcia/afinal-o-que-%C3%A9-um-fotolivro-cdab66cf2362#:~:text=Um%20fotolivro%20%C3%A9%20um%20livro,de%20um%20ou%20mais%20fot%C3%B3grafos>. Acesso em: 23 set. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GIOSEFFI, Maria Cristina da Silva. Michel Maffesoli, estilística...imagens... comunicação e sociedade. **Logos**. Rio de Janeiro, UERJ, v. 4, n. 1. 1997. Anual. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14582>. Acesso em: 07 nov. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV**, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acessado em 09 nov. 2018.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2005. 162 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos - O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 2014.

MARCHI, A. S.; BORGES, M. L. Memória organizacional, cultura e aprendizagem organizacional: mudar para que? *In.*: BORGES, M. L.; TELLES, T. C. K. (org.). **Memória e Gestão Cultural: aspectos conceituais, competência e casos práticos**. 1 Ed. Canoas: Unilasalle, 2017, v. 1, p. 123-144.

MARQUES, Otacílio Guedes. **Informação histórica: recuperação e divulgação da memória do poder judiciário brasileiro**. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de PPG em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1563/1/Dissertacao_Otacio_Guedes_Marques.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASCIMENTO, Carolina de Azevedo França do; SÁ, Ilydio Pereira de. **Guia de apresentação e descrição do Produto Educacional de Mestrado Profissional, documentário em vídeo: Nós enquanto nós**. Rio de Janeiro: UERJ, 2018.

Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431282/2/descr%C3%A7%C3%A3o%20-%20produto%20educacional%20mestrado%20profissional.docx>. Acesso em: 15 out. 2019.

PESSOA, Ana Cláudia Gonçalves. **Sequência didática**. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em:

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica#:~:text=Sequ%C3%A7%C3%A3o%20did%C3%A1tica%20corresponde%20a%20um,de%20atingir%20determinado%20objetivo%20did%C3%A1tico.&text=A%20escolha%20do%20modelo%20de,diante%20das%20necessidades%20dos%20alunos>. Acesso em: 21 set. 2019.

QUERINO, Magda Maria de Freitas *et al* (Org.). **Metodologia da Pesquisa e da Produção Científica**. Brasília: Unyleya, [2017].

RAMOS, Marina Feldhues. **Conhecer fotolivros: (in) definições, histórias e processos de produção**. 2017. 2013 f. Dissertação (Mestrado) – curso de PPG em Comunicação, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/28352/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Marina%20Feldhues%20Ramos.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p.01-16, out. 1998. Mensal. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010. Acesso em: 16 ago. 2018.

SCHNEIDER, Izabel Cristina Martins da Rosa. **Agressividade, falta de limites e valores: questões latentes na Escola**. 2010. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Orientação Educacional, Faculdade Dom Alberto, Santa Cruz do Sul, 2010.

SOUZA, Valmir de. Mapear a cultura local. **Dicas**: Ideias para a ação municipal, São Paulo, v. 1, n. 201, p.1-2, [dez]. 2003. Disponível em: <http://www.polis.org.br/publicacoes/dicas>. Acesso em: 09 fev. 2019.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. 2. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014. 357 p. Disponível em: <http://editora.upf.br/index.php/e-books-free/110-nas-cercanias-da-memoria>. Acesso em: 15 jul. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Resultado da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais**. Cidade do México, 1982. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Declara%C3%A7%C3%A3o-Confer%C3%A2ncia-Mundial-sobre-Pol%C3%ADticas-Culturais-Mondiacult-M%C3%A9xico-1982.pdf>. Acessado em: 15 out. 2019.

WERKAUSEN, Rejane Driemeyer (Org.). **70 anos de ricas experiências e belos exemplos de vida: 1938-2008**. Lajeado: ed. da UNIVATES, 2008. 150p.

WIKPÉDIA. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_\(Rio_Grande_do_Sul\)#/media/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_Estrela.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_(Rio_Grande_do_Sul)#/media/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_Estrela.svg). Acesso em: 15 out 2020.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-29.4903267,-51.96351,16z>. Acesso em: 15 out. 2020.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-29.4903267,-51.96351,325m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 15 out. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

PROPOSTA DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA ALUNOS

1. Qual é o seu nome, de onde você é, data de nascimento, sua ocupação? Qual a sua relação com a EEEF 20 de Maio?
2. Quais são as lembranças que você tem deste lugar? Que sentimentos estas lembranças te despertam?
3. Me conta uma situação marcante para você?
4. Do que você vai lembrar quando não estudar mais aqui?
5. Como você gostaria de lembrar da EEEF 20 de Maio?
6. Hoje você tem algum contato com a Escola? Ou gostaria de ter? Da mesma forma que a Escola te marcou/marca, você gostaria de deixar uma marca sua? De que forma gostaria de ser lembrado na Escola?

APÊNDICE B –ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

PROPOSTA DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA EX-ALUNOS

1. Qual é o seu nome, de onde você é, data de nascimento, sua ocupação?
2. Qual a sua relação com a EEEF 20 de Maio? Quais são as lembranças que você tem deste lugar?
3. Que sentimentos estas lembranças despertam em você? Me conta uma situação marcante que te aconteceu?
4. Do que você mais lembra do tempo em que estudava na Escola?
5. A EEEF 20 de Maio contribuiu para você tornar-se o que/quem você é hoje? Como isso aconteceu?
6. Hoje você tem algum contato com a Escola? Gostaria de ter? Da mesma forma que a Escola te marcou/marca, você gostaria de deixar uma marca sua na Escola? Se sim, como?